

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

DIONATAN DOS SANTOS FARIAS

**A REPRESENTAÇÃO DO JORNALISTA E DO JORNALISMO NO CINEMA
HOLLYWOODIANO NO SÉCULO XXI**

**São Borja
2022**

DIONATAN DOS SANTOS FARIAS

**A REPRESENTAÇÃO DO JORNALISTA E DO JORNALISMO NO CINEMA
HOLLYWOODIANO NO SÉCULO XXI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Rossato Augusti

**São Borja
2022**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

F224r Farias, Dionatan dos Santos

A REPRESENTAÇÃO DO JORNALISTA E DO JORNALISMO NO CINEMA
HOLLYWOODIANO NO SÉCULO XXI / Dionatan dos Santos Farias.
85 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -- Universidade
Federal do Pampa, JORNALISMO, 2022.

"Orientação: Alexandre Rossato Augusti".

1. Cinema. 2. Jornalista. 3. Jornalismo. 4. Representações.
5. Estereótipos. I. Título.

DIONATAN DOS SANTOS FARIAS

**A REPRESENTAÇÃO DO JORNALISTA E DO JORNALISMO NO CINEMA
HOLLYWOODIANO NO SÉCULO XXI**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de
Jornalismo da Universidade Federal
do Pampa, como requisito parcial
para obtenção do Título de
Bacharel em Jornalismo .

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 14 de março de 2022.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Alexandre Rossato Augusti
Orientador
UNIPAMPA

Prof. Marcelo da Silva Rocha
UNIPAMPA

Prof.^a Dra. Roberta Roos Thier

UNIPAMPA

Prof. (titulação). (Nome do membro da banca)
(sigla da instituição)



Assinado eletronicamente por **ALEXANDRE ROSSATO AUGUSTI, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 14/03/2022, às 15:22, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ROBERTA ROOS THIER, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 14/03/2022, às 17:11, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **MARCELO DA SILVA ROCHA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 22/03/2022, às 17:22, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0752932** e o código CRC **E53DEBF6**.

Dedico este trabalho aos meus pais e
irmãos que sempre acreditaram em mim.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus que até aqui tem me guardado. Agradeço aos meus pais que estiveram sempre presentes nessa minha caminhada e nunca desistiram de mim por nada e aos meus irmãos que também estão sempre comigo.

Agradeço fortemente aos meus amigos que em momentos difíceis estiveram presente me estendendo a mão para eu levantar: Ranieri, Manuel, Volnei, Wellington, Danilo, Dazayeve, Fabrício, Gabriel e a todos que alguma forma me acolheram e estiveram ao meu lado em momentos que pensei em desistir.

Agradeço fortemente ao meu orientador o professor Alexandre Augusti que realmente não desistiu nesse momento que foi tão trabalhoso e maravilhoso nessa minha jornada acadêmica.

Agradeço também a Unipampa por ter me recebido de braços abertos e ter me proporcionado cada momento especial que será levado para a vida. Obrigado a todos os professores que passaram por mim nessa caminhada de graduação. Só tenho a agradecer por tudo.

“O cinema não tem fronteiras nem limites.
É um fluxo constante de sonho”.

Orson Welles

RESUMO

O trabalho tem como proposta realizar uma análise das diferentes representações do jornalista e do jornalismo através das produções cinematográficas Hollywoodianas no século XXI. Na arte cinematográfica o jornalista e o jornalismo foram se desenvolvendo e se modernizando com o passar das décadas. Procuramos demonstrar como os profissionais e a profissão são representados no cinema e como isso foi benéfico ou não para ambos. A partir da análise fílmica de Francis Vanoye e Anne Goliot-Létè, *Análise de Imagens em Movimento* de Diana Rose e análise do filme de Jacques Aumont e Michel Marie e de algumas produções que envolvem enfaticamente a figura do jornalista e, decorrente disso, uma abordagem do jornalismo, identificamos as características básicas principais que o cinema traz para as telas do profissional e da profissão. No final da análise dos filmes pode-se encontrar as características que buscávamos segundo nosso referencial teórico. Com isso pudemos identificar essas características e justificá-las seguindo os autores estudados ao decorrer da monografia.

Palavras chaves: Cinema, Jornalista, Jornalismo, Representações, Características, Estereótipos.

ABSTRACT

This work proposes to make an analysis of the different representations of the journalist and journalism through Hollywood movies of the 21st century. In the film industry, the journalist and journalism have been developed and updated through the decades. We seek to show how the professionals and the profession are represented in cinema and how this has been beneficial or not for both of them. Through the filmic analysis by Francis Vanoye e Anne Goliot-Létè, Moving Image Analysis by Diana Rose and movie review by Jacques Aumont and Michel Marie of some productions that emphatically portray the journalist, and, because of that, approach journalism, we identify the main basic characteristics that cinema portrays of the professional and the profession on the big screen. The end of the analysis of the films, we can find the characteristics we were looking for according to our theoretical framework. With that, we were able to identify these characteristics and justify them following the authors studied during the monograph.

Keywords: Cinema, Journalist, Journalism, Representations, Characteristics, stereotypes.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	12
2. A representação do sensacionalismo e da espetacularização jornalísticos no cinema.....	16
2.1 Sensacionalismo e ética.....	17
2.2 O sensacionalismo e a espetacularização do jornalismo no cinema.....	21
3. A construção da imagem do jornalista e do jornalismo no cinema Hollywoodiano.....	24
3.1 Estereótipos e representações do jornalista e do jornalismo no cinema..	25
3.2 Jornalismo Investigativo.....	27
3.3 Jornalismo Sensacionalista.....	29
4. Orientações metodologias.....	31
5. Análise.....	33
Considerações finais.....	78
Referências bibliográficas.....	81
Filmografia.....	80

1. INTRODUÇÃO

A imagem da profissão do jornalista está presente no cinema há muito tempo, e com o passar dos anos, com a tecnologia em constante evolução, o hábito de assistir filmes se torna mais frequente e acessível. Com isso, a visibilidade da profissão do jornalista se torna mais presente e conhecida no âmbito cinematográfico, complexificando algumas visões do profissional de imprensa. A figura do jornalista, representada no cinema, também alimenta o imaginário das grandes massas sobre o que seria o fazer jornalismo, e muitas vezes essa visão não corresponde ao que acontece nas redações. Através do estudo do cinema hollywoodiano, provavelmente o mais conhecido e de maior alcance mundial, é possível compreender como o senso comum entende em primeiro momento o funcionamento da profissão.

Em primeira instância, sabemos que esse tema já gerou diversos outros conteúdos acerca do assunto, essa pesquisa tem como objetivo avaliar como o jornalista e ou jornalismo é representado no cinema, no século XXI, problematizando a correspondência dessas representações ao exercício do profissional e do campo na prática cotidiana.

Muitas características do jornalista e do jornalismo são usadas até hoje para movimentar uma narrativa, lado bom e não tão bom não são claros. O trabalho de jornalista como em qualquer outro tem seus prós e contras e através dessa análise, vamos mostrar como essas características tão comuns são apresentadas em filmes recentes.

O presente trabalho busca identificar através de uma análise as principais representações que Hollywood apresenta sobre o jornalista e o jornalismo no cinema, no século XXI.

A escolha do filme se deu a partir de uma pesquisa feita para encontrar as obras que melhor se encaixe na narrativa do trabalho. Tendo em vista que muitos trabalhos já foram feitos a respeito desse assunto, a presente proposta vem com o objetivo de analisar uma ou mais obras que não tenham recebido suficiente atenção acadêmica sobre os aspectos aqui considerados, o que se constata a partir das pesquisas realizadas para mapear trabalhos relacionados a este.

Fazendo um retrospecto dos capítulos, temos em mente que nossa busca é averiguar como o jornalista e o jornalismo são mostrados no universo cinematográfico. Pensando nisso, vemos como a representação do sensacionalismo e da espetacularização jornalísticos no cinema são por diversas vezes muito trabalhados. Podemos notar o grande crescimento da forma de fazer o jornalismo, com suas variações e estereótipos nas quais foram criados a partir das vivências reais nas redações. Com um toque cinematográfico sobre o que é o fazer o jornalismo na ficção, como o jornalista se comporta diante da sociedade, como ele vai guiar determinada reportagem, se será de forma correta com informações apuradas e fontes confiáveis ou se de forma fazer um “circo” midiático sobre determinado fato. O sensacionalismo no cinema deveras extrapola a realidade trazendo muitas vezes o absurdo para os holofotes e até mesmo trazendo mais humor, pois, no cinema com esse aspecto de jornalismo não é usado apenas para o drama ou “terror”.

Em cada capítulo trabalharemos alguns aspectos nos quais o jornalista e o jornalismo são mostrados no cinema. No capítulo dois, veremos como o sensacionalismo e a espetacularização são empregados pelo jornalismo e pelo jornalista no cinema e como ambos andam de mãos dadas.

Nos subcapítulo, veremos como o sensacionalismo e a ética são trabalhados, e, no subcapítulo seguinte veremos como o sensacionalismo e a espetacularização são empregados no cinema hollywoodiano.

Já no capítulo três, veremos a construção da imagem do profissional e da profissão no cinema e quais as características que mais vemos em tela. No primeiro subcapítulo, veremos as principais representações e estereótipos que o jornalista possui na ficção. No subcapítulo seguinte, temos uma das representações que talvez seja a mais abordada pelos cineastas que é o jornalismo investigativo e qual as características que se enquadram nesse quesito. E por fim, a categoria de jornalismo que é muito explorada no cinema, o jornalismo sensacionalista, representado na maioria dos filmes como um jornalismo apelativo, que em conjunto com o estereótipo do jornalista “vilão” é um prato cheio para as produções de Hollywood.

A imagem do jornalismo e do jornalista no cinema vem sendo moldada há muitas décadas em que os mesmos têm sido representados. Diante disso, vários estereótipos e características foram atribuídos a eles. Os mais recentes estereótipos são o de “herói” e “vilão”. Em geral, não existe o meio termo quando se trabalha o jornalista e o jornalismo no cinema, ou é bom, ou ruim, é “8 ou 80”. Mas claro que existem exceções. Além disso, o jornalista quase sempre é descrito com sua ética questionável e na maioria das vezes ambígua. Essas representações são o ponto de divergência do profissional na ficção e o da realidade.

Foi no cinema que o jornalista e o jornalismo ganharam os rótulos que observamos na maioria dos filmes, sendo Hollywood o responsável por exportar suas características jornalísticas pelo mundo, então, o estereótipo jornalístico tem uma ligação muito íntima com a imagem estadunidense. Esses pontos em que o jornalismo e o jornalista são mostrados de forma bem estereotipados, são pontos que podem causar algum “dano” na imagem do profissional a longo prazo, pois, essas representações fazem com que o público tenha algum interesse em acompanhar o filme.

Quanto às orientações metodológicas, vamos nos amparar no texto “Ensaio sobre Análise Fílmica” (2002) de Vanoye e Goliot-Lété de que sugere separar os elementos do filme em partes para que a análise ser mais minuciosa e precisa. No texto “Análise de Imagens em Movimento” (2002) Diana Rose, que se encontra no livro de Bauer e Gaskell “Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som”, que sugere que tabelas sejam feitas para separar elementos visuais e sonoros que sejam mais relevantes para nosso estudo. Já no texto “Análise do Filmes”, Aumont ressalta que a interpretação é um fator muito importante para se fazer uma análise de sucesso em algum produto audiovisual. E por fim, em análise, observamos os principais aspectos e os mais relevantes para nosso estudo, analisando três filmes: *Intrigas de Estado*, *Não Olhe para Cima*, *The Post - A Guerra Secreta*, evidenciando as representações e estereótipos presentes em cada uma das obras.

Para chegar a esse resultado de pesquisa, foram feitas buscas em alguns bancos de dados em um período de 10 anos para ser possível encontrar artigos, dissertações, teses e trabalhos de conclusão de curso que se enquadrassem na essência desse estudo. Nas buscas não foi possível encontrar outros trabalhos que

analisassem enfaticamente essas obras cinematográficas investigando o que me proponho a investigar.

2. A representação do sensacionalismo e da espetacularização jornalísticos no cinema

O cinema e o jornalismo têm andado juntos desde o cinema mudo no, século retrasado, até hoje. Com esse tempo, o jornalismo e o jornalista receberam diversas representações e rótulos durante as décadas. Todos os estereótipos e representações que o profissional e a profissão têm recebido até hoje ajudam a criar no imaginário popular o modo como o jornalista trabalha o jornalismo. Assim, deturpam-se a imagem do profissional e da profissão. O glamour que muitos pensam existir, revela-se pura fantasia no trabalho real do jornalista.

O jornalista em geral é mostrado para a sociedade como a pessoa que detém o conhecimento das notícias e o cinema ajudou de maior ou menor forma a catapultar esse aspecto da profissão. Para algumas pessoas, o profissional é “obrigado” a saber de todas elas.

Com isso, podemos observar que o jornalista no cinema detém o título de cínico. Esse cinismo também age por conta do conhecimento que o jornalista dispõe de como funciona o uso e abuso exagerado do poder da imprensa (SENRA, 1997 apud AMBRÓSIO *et al.*, 2014, p.05). No entanto, o jornalista é colocado nessa posição graças a representação que o mesmo tem sétima arte.

A imagem do jornalista é fruto da construção cinematográfica do “bem” e do “mal”, mesmo que na maior parte das vezes o profissional venha a ser o “vilão” história, aquele sem escrúpulos que não mede esforços para conseguir sua matéria. Segundo Rosa (2006), “[...] os estereótipos têm influência nos processos comportamentais principalmente porque eles podem afetar a atenção seletiva de quem o estiver absorvendo e a direciona a aspectos particulares da informação e ignora alguns elementos que considera irrelevantes à situação” (ROSA, 2006 apud AMBRÓSIO *et al.*, 2014, p.05).

Em seu estudo, Senra (1997) identificou estereótipos associados aos jornalistas como: mercenarismo, ignorância, alcoolismo, cinismo, bem como um profissional romântico, de certa forma, idealista e generoso. (SENRA, 1997 apud AMBRÓSIO *et al.*, 2014, p. 05).

O sensacionalismo aplicado ao jornalista e ao jornalismo está sempre muito em evidência no cinema, conforme orienta Longhi (2005, p. 5).

Se dá segundo o conteúdo nele contido, de como as matérias são articuladas e a prioridade dada a alguns assuntos. Outro aspecto que está muito ligado ao sensacionalismo no jornalismo é a forma que como é empregada certas características as notícias, fazendo-as de tom espalhafatoso e escandaloso que muitas vezes desafia nossa suspensão de descrença. (LONGHI, 2005, p. 05)

Já a espetacularização se dá devido à grande carga midiática com que certos assuntos abordados, principalmente algum tipo de crime, são veiculados nos meios de comunicação, elevados à décima potência. Essa característica age em conjunto ao sensacionalismo, que permite que o espetáculo aconteça.

Essas são características muito visadas no cinema quando a premissa é trazer às telas um jornalismo sensacionalista e espetacularização do mesmo. Segundo Spannenberg e Bufelli (2016), “[...] Assim como o jornalismo policial televisivo que contém, muitas vezes, elementos dramaturgicos para oferecer maior emoção ao público [...]”. (SPANNENBERG; BUFELLI, 2016 , p. 10)

Para Debord, o espetáculo pode ser considerando a essência do irrealismo da sociedade real. Ele pode se manifestar sob várias formas como a informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos, e é o modelo da vida dominante na sociedade. O espetáculo é o resultado e o projeto do modo de produção existente. Durante a produção já é feita a escolha e o indivíduo consome os produtos já selecionados pelo sistema. (DEBORD, 1997 apud AUGUSTI, 2007, p. 04)

2.1 Sensacionalismo e ética

O sensacionalismo é um conceito jornalístico que se consolidou há muito tempo na França e nos Estados Unidos. Os primeiros jornais franceses já possuíam um pouco dessa característica de sensacionalismo, pois neles eram veiculadas notícias *fait divers*, uma palavra criada na França para designar notícias que causam curiosidade em seus espectadores. (LONGHI, 2005)

Já nos Estados Unidos o primeiro jornal que teve esse cunho mais sensacionalista foi o Publick Occurences, e ele não teve uma vida muito longa, mas

a disputa editorial de dois grandes jornais da época tornaram o sensacionalismo um método popular de chamar à atenção e de vender informações. Neles vemos muito das características que temos hoje no jornalismo sensacionalista, como matérias super “over” que apelam para as emoções do público e muitos outros elementos associados a esse tipo de prática. (LONGHI, Naiara, 2005)

Quanto ao sensacionalismo, é muito comum vermos jornais que extraem a violência em um nível tão extremo apenas para conseguir a atenção do público. Analisando friamente essa categoria de produção também é possível notar que os próprios jornalistas deixam de abordar os assuntos de um modo mais sério para apelar ao emocional e atingir picos maiores de audiência em cima da desgraça alheia.

O meio de comunicação sensacionalista se assemelha a um neurótico obsessivo, um ego que deseja dar vazão a múltiplas ações transgressoras – que busca satisfação no fetichismo, voyeurismo, sadomasoquismo, coprofilia, incesto, pedofilia, necrofilia – ao mesmo tempo em que é reprimido por um superego cruel e implacável. É nesse pêndulo (transgressão-punição) que o sensacionalismo se apóia. A mensagem sensacionalista é, ao mesmo tempo, imoral-moralista e não limita com rigor o domínio da realidade e da representação. Nessa soma de ambigüidades se revela um agir dividido, esquizofrênico. (ANGRIMANI SOBRINHO, 1995, p. 17)

Seguindo nesse pensamento, caracterizando o jornalismo sensacionalista, é possível notar que tudo é feito para escandalizar, impactar, chamar a atenção do público para aqueles exageros mostrados. Esse tipo de produto também vem com o intuito de buscar audiência em várias mídias, podendo ser ela na televisão, rádio ou jornal. Tudo é feito para impressionar o público e levá-lo a consumir mais daquilo.

O uso do sensacionalismo para busca de audiência, leva as empresas de mídias a criarem até programas ou quadros para abordar exclusivamente determinados assuntos como escândalos, assassinatos, fofoca de gente famosa, entre outros. Com essa guerra midiática que acontece entre emissoras, uma está sempre tentando quebrar a transmissão do noticiário da outra, sempre visando elevar seu status de audiência, tirando o foco do público das informações e editoriais que realmente importam. (BARROS et al., 2019)

Angrimani Sobrinho (1995), conta que o termo sensacionalismo é usado para condenar uma publicação pela maior parte das pessoas. Não importando a situação nem contexto ao qual essa publicação está inserida, o termo é atribuído a quase

todas elas. O autor ainda conta que enquadrando um veículo nesse contexto acaba por afastar o mesmo dos ditos meios de mídias “sérios”. Com isso, os meios de comunicação, tachados como sensacionalistas, causam nas pessoas o sentimento de que não supriram as expectativas.

Em questões gerais nas quais o conceito sensacionalista é empregado, é possível notar que esse termo geralmente não é só aplicado aos termos qualitativos editoriais como a audácia, questionamentos, relevância, mas também é utilizado para questões que não seriam qualidades boas como imprecisão, erro na apuração, distorção, deturpação, editorial agressivo que por muitas vezes também são encontrados em jornais informativos comuns. (ANGRIMANI SOBRINHO, 1995)

Por ser totalitário, o termo leva à imprecisão. O leitor (o telespectador, o ouvinte) entende sensacionalismo como uma palavra-chave que remete a todas as situações em que o meio de comunicação, no entender dele, tenha cometido um deslize informativo, exagerado na coleta de dados (desequilibrando o noticiário), publicado uma foto ousada, ou enveredado por uma linha editorial mais inquisitiva. (ANGRIMANI SOBRINHO, 1995, p. 13 e 14).

Angrimani Sobrinho (1995), ainda destaca que o sensacionalismo é tornar sensacional fatos jornalísticos que não merecem o tal conceito empregado e que em outras situações de editoriais não seriam tratados assim, ou seja, sensacionalizar aquilo que não é necessariamente sensacional, extrapolar o real, superdimensionar os fatos, tornando-o escandaloso e espalhafatoso.

Em casos mais específicos, inexistente a relação com qualquer fato e a “notícia” é elaborada como mero exercício ficcional. O termo “sensacionalista” é pejorativo e convoca a uma visão negativa do meio que o tenha adotado. Um noticiário sensacionalista tem credibilidade discutível. A inadequação entre manchete e texto – ou ainda, manchete e foto; texto e foto; manchete, texto e foto – é outra característica da publicação sensacionalista, o que pode reforçar a posição de descrédito do leitor perante o veículo. Isto porque a manchete, dentro da estratégia de venda de uma publicação que adotou o gênero sensacionalista, adquire uma importância acentuada. A manchete deve provocar comoção, chocar, despertar a carga pulsional dos leitores. São elementos que nem sempre estão presentes na notícia e dependem da “criatividade” editorial. (ANGRIMANI, Danilo, 1995, p. 16)

Um fator muito importante que vem desde muito tempo atrás, desde quando o jornalismo não era considerado uma profissão, mas sim uma ocupação, é que os

princípios éticos já eram usados, não só para traçar uma linha de como o jornalista deveria ser e se comportar, mas também para estabelecer atribuições impostas. (SINGER, 2014)

A ética no jornalismo é um elemento extremamente significativo, pois, sem ela, o jornalismo perde sua essência, torna-se vazio e sem forma. Ao contrário do que muitos pensam, o jornalismo e a ética necessitam andar de mãos dadas a todo momento. O jornalismo tem dependência total da ética, pois ela é a base que sustenta o resto. Sem essa base, o jornalismo perde seus principais trunfos que seriam o elo com o público, sua imunidade social e também perde a confiança construída com o espectador. (ALSINA; SILVA, 2018)

Alsina e Silva (2018) consideram que o jornalismo é feito através da confiança e do interesse das pessoas. É preciso fazer tudo da melhor maneira para poder criar esse laço que trará a lealdade e a crença do público no veículo de mídia e a melhor maneira de encontrar essa audiência é fazendo esse trabalho com responsabilidade.

Para se obter o produto jornalístico, é necessário que o percurso também seja feito da melhor maneira possível, que não quebre as regras de ética, que todas as apurações tenham sido lícitas. Esses são alguns dos fatores, conforme a autoria citada anteriormente, a serem seguidos para se ter um produto de qualidade e sem que suas condutas éticas sejam questionadas.

De maneira geral, ao ler, ouvir ou assistir um relato jornalístico, o consumidor de notícias acredita que, por trás da ação profissional, há uma preocupação com regras, normas que dão espaço e respaldo à liberdade de imprensa, mas que impõem limites à liberdade de expressão, visto que esta última tem uma barreira maior: o respeito à pessoa. (ALSINA; SILVA, 2018, p. 05)

A população acredita que um produto jornalístico não se trata de algo ficcional, ou algo aleatório, acreditam que o produto é o fruto de vozes reais que são seguimento correto da realidade. O jornalista usa de seu conhecimento para construir e contar histórias de forma que seja mais fiel e responsável aos fatos. (ALSINA; SILVA, 2018)

Segundo os autores, todos os fatos jornalísticos passam por uma garimpagem.

O faz primeiro no processo de apuração do fato, em seguida, na seleção daquilo que considera que é mais importante, na utilização dos recursos simbólicos para permitir o entendimento e, por fim na maneira de divulgar e fazer circular. (ALSINA; SILVA, 2018, p. 5)

A ética é o que garante a união da mídia com o público e que permite que o jornalismo seja considerado uma área de conhecimento (PARK, 1966 apud ALSINA; SILVA, 2018), um conhecimento único que cumpra sua parte (GENRO FILHO, 1987 apud ALSINA; SILVA, 2018). “Justamente porque a informação que oferece não deve (ou deveria) ser captada e adaptada somente para se enquadrar nos limites especiais e temporais dos meios” (ALSINA; SILVA, 2018, p. 06). Ou ainda, não deve se ter apenas motivações políticas, econômicas, mesmo que a realidade seja dura, suscetível ao debate e a resistência (ALSINA; SILVA, 2018). Alsina e Silva (2018) destacam, que é a ética do jornalismo que possibilita a luta constante contra as pressões que usufruem da credibilidade do jornalismo para beneficiar certos grupos sociais.

2.2 O sensacionalismo e a espetacularização do jornalismo no cinema

Assim como na realidade, no cinema também as questões de sensacionalismo e espetacularização do jornalismo são bastante abordadas por diversas vezes, e nessa questão podemos dizer que “a arte imita a vida”. Segundo Guy Debord (2003), “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas sim uma relação social entre as pessoas, mediatizada pelas imagens.”(DEBORD, 2003, p. 09). Ainda segundo o autor, “tudo o que vivemos é representação, ou seja, um espetáculo vivido por nós para os outros, como objeto de visualização e contemplação.”(DEBORD, 1997 apud BUFELLI; SPANNENBERG, 2016, p. 09)

Do profissional de imprensa, é exigido imparcialidade e objetividade para o cumprimento de seu trabalho. Temos que levar em conta que muitas das vezes seus gostos não são levados em consideração, então, suas crenças precisam ser disfarçadas de imparcialidade. Eugênio Bucci discute como esses elementos moldam as pessoas, inclusive um jornalista. Para o autor, não há maneiras de um

profissional de mídia escapar de suas crenças e ideais impostos durante toda sua vida. (BUFELLI; SPANNENBERG, 2016)

Conforme o jornalista questiona sua posição de sujeito, questiona principalmente sua questão ética na profissão. O mais complicado, como afirma Bucci (2000), é que não há distanciamento cultural entre o homem que é repórter, aquele que é notícia e aquele que irá receber a informação. (BUCCI, 2000 apud BUFELLI; SPANNENBERG, 2016, p. 06)

Uma das questões sobre a espetacularização no jornalismo representado em filmes são os fatores de audiência. Nos filmes, o editor responsável sempre vai tentar pôr em xeque os números, é aí que entra em cena também a questão sensacionalista. Assim como na vida real, o sensacionalismo no cinema na maioria das vezes é um elemento que é elevado à décima potência. Não que em um jornal real também não aconteça isso, mas nos filmes busca-se realmente chocar com as imagens, pondo a espetacularização acima até da ética de trabalho e do interesse público.

Em muitos dos filmes sobre jornalismo, o fator de espetáculo vem sobre as dores humanas, que configuram pautas frequentes em muitos filmes que representam a profissão. Na vida real, essa representação torna o telejornal sensacionalista, o que, segundo muitos espectadores, é mais interessante, seja ele ficcional ou existente. Nos filmes, os profissionais de imprensa sabem que mostrar o “gore”¹ é um fator que ajuda a elevar os índices de audiência do jornal. Isso se torna importante, pois essa questão traz mais drama para quem está assistindo e costuma a ficar mais imerso na história - sejam os telespectadores ficcionais nos filmes, seja o público que assiste ao filme. Mas, com isso, surge a problemática de dramatizar tanto que se diminui o valor informativo da obra.

Nessa categoria de obra, são levados em consideração os fatores do sensacionalismo e espetacularização. Ter um personagem jornalista é ter o símbolo do poder do jornalismo que torna as situações do cotidiano um espetáculo midiático. “Os acidentes e problemas de uma sociedade urbana, como crimes e assaltos, por

¹Gore - é uma palavra da língua inglesa que pode ser traduzido como “Sanguinolência”, “Sangue coagulado”, “Excesso de sangue”. Tornou-se um subgênero cinematográfico de filmes de horror, que tem como características cenas de violência extrema, com muito sangue, restos humanos ou animais e vísceras.

exemplo, torna-se aparência, algo montado para demonstração e mediatizado.”
(BUFELLI; SPANNENBERG, 2016, p. 10)

O espetáculo não pode ser compreendido como abuso do mundo da visão ou produto de técnicas de difusão massiva de imagens. Ele é a expressão de uma Weltanschauung, materialmente traduzida. É uma visão cristalizada do mundo. (DEBORD, 2003, p. 09)

O sensacionalismo e a espetacularização do jornalismo no cinema, vai ao encontro do que observamos no nosso cotidiano. O cinema sensacionalista e da espetacularização busca tornar a vida um "show", isso não é diferente com as profissões. O jornalista e o jornalismo têm espaço no cinema em diversos gêneros de filmes há muito tempo, mas se formos pensar bem, na maioria das obras, a vida do profissional é um “circo” midiático com diversos estereótipos que esse meio criou para apresentar o cotidiano de uma redação, telejornal, jornal impresso e todos eles se tornam um personagem nas telas do cinema.

3. A construção da imagem do jornalista e do jornalismo no cinema Hollywoodiano

O jornalista e o jornalismo através do tempo ganharam diversos rótulos por conta da maneira como são exportados para o mundo no cinema, uns bons, outros ruins. Senra (1997), fala em sua obra que essas características foram identificadas no jornalismo norte-americano de meados do final do século XIX e início do XX. Foi a partir dessa época que algumas referências de estereótipos que vemos hoje foram reproduzidas pelo cinema acerca da profissão, tendo os jornalistas reais também contribuído para tal. (SENRA, 1997 apud Gomes, 2013)

Os filmes transmitem uma imagem dos jornalistas e do jornalismo que é recebida e assimilada pelo público, com isso, é feita a construção visual do personagem. As representações da profissão e dos profissionais criadas pelo cinema são baseadas na atuação real dos jornalistas, tendo uma certa liberdade poética para criar seus próprios profissionais de imprensa, que possam ser usados de acordo com a necessidade narrativa da obra cinematográfica, sendo assim, o cinema pode criar figuras baseadas nos jornalistas que possam ser moldados como bem se entende e se quer, embasado ou não no real. (SENRA, 1997 apud AMBRÓSIO *et al.*, 2014)

A partir das imagens difundidas ao imaginário coletivo, formam-se as representações sociais. De acordo com Sêga (2000), as Representações Sociais são uma forma de interpretação e de pensamento sobre a realidade cotidiana. Moscovici (1981, p. 181) – um dos principais autores que trabalham o conceito – a define como “um conjunto de conceitos, proposições e explicações originado na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais”. Para Oliveira e Werba (1998, p. 105), as representações sociais, ou RS, constituem-se em “‘teorias’ sobre saberes populares e do senso comum, elaboradas e partilhadas coletivamente, com a finalidade de construir e interpretar o real”. (AMBRÓSIO *et al.*, 2014, p. 03 e 04)

Segundo Travancas (2001), algumas das diversas características que os jornalistas obtiveram no cinema foram a de herói e vilão. Essas foram sem dúvidas as mais trabalhadas na ficção quando o filme tem um teor jornalístico, o personagem do jornalista “herói”, é trabalhado como o intocável, profissional ético e

íntegro que tem como única função levar os “fatos reais” a população, se preocupando com a verdade. Já como o personagem “vilão”, seria o profissional que faz de tudo por um “furo” de reportagem, que não mede esforços para conseguir seus objetivos, não importando em quebras dos protocolos éticos para alcançar seus propósitos, ou seja, põe a carreira acima de tudo.(TRAVANCAS, 2001)

Tendo em vista os estereótipos dos jornalistas que o cinema apresenta, na maioria das vezes, é de se esperar que as pessoas absorvam como verdade o que os filmes abordam, formando-se, assim, representações sociais. Assim, a reprodução das representações acaba influenciando na construção da imagem do profissional. (AMBRÓSIO *et al.*, 2014, p. 09)

Tendo em vista essas principais características que englobam a imagem do jornalista, podemos observar que a maioria delas foram trazidas para o imaginário popular pelo cinema americano. Mesmo que filmes sobre jornalistas e o jornalismo tenham sido produzidos em outros países, a centralidade norte-americana neste campo é inegável, e foi nos Estados Unidos que as características de investigador, de aventureiro, de independente, de arrojado, e, igualmente, de cínico, de inescrupuloso, de arrogante, foram melhor traduzidas. (BERGER, 2002 apud GOMES, 2013)

3.1 Estereótipos e representações do jornalista e jornalismo no cinema

O cinema é uma arte que tem uma importância muito grande para a humanidade. Nas pessoas, ele age de forma positiva que incentiva a população a desenvolver um senso crítico. Tendo em vista isso, podemos dizer que o cinema tem uma função muito importante que é a de formar opiniões que são passadas através dos personagens e enredos desenvolvidos. (FERREIRA; PEREIRA, 2017, p. 02)

[...] Através do cinema conhecemos histórias, civilizações e lugares inimagináveis ao nosso pensamento. O cinema tem servido além de fonte de entretenimento, como fonte de conhecimento.(FERREIRA; PEREIRA, p. 02)

Segundo as autoras, a relação entre o jornalismo e o cinema têm sido de êxito nas obras ficcionais, têm sido bastante importante e têm passando por uma fase de ampliação, visto que o jornalista é mostrado muito como o herói e vilão em potencial para os diretores e roteiristas. (FERREIRA; PEREIRA, 2017)

Todas as profissões são representadas no cinema em maior ou menor grau. A profissão do jornalista e a do jornalismo é bastante explorada na ficção, e nele surgiram algumas características, estereótipos, representações do profissional que ora se assemelham e ora são extrapolados a favor da narrativa.

As representações do profissional oscilam entre a imagem do jornalista herói e vilão. Porém, há um número expressivo de produções que representam o profissional como egoísta, que só pensa no sucesso próprio e não mede consequências para conseguir audiência ou realizações pessoais. (FERREIRA; PEREIRA, 2017, p. 02)

Na maioria das vezes quando pensamos no jornalista e jornalismo é notório que temos em mente as representações cinematográficas que caracterizam como seria o cotidiano do jornalismo. São essas ideias que alimentam o imaginário popular acerca da profissão e do profissional, e ajudam na criação dos estereótipos que levam a sociedade a terem essas características como verdadeiras. Segundo as autoras, “O cinema, desde seu início na década de XX com os irmãos Lumiere, no Grand Café, influi na manipulação da plateia, utilizando a ilusão da verdade que a sétima arte representa.” (FERREIRA; PEREIRA, 2017, p. 04)

Graças ao cinema, representações estereotipadas dos jornalistas e do jornalismo não faltam, visto que, na ficção, segundo Sanseverino (2015 apud ANDRADE; RIOS, 2019), o conceito imagético do profissional é uma “via de mão dupla”: existem jornalistas que trabalham pelo bem social, exercendo a profissão de forma ética, e os que vão pelo lado oposto.

Em geral, segundo Senra (1997 apud ANDRADE; RIOS, 2019, p. 03) “a identidade do profissional é tratada de forma ambígua, e por isso não pode ser encaixada em somente uma categoria”. Contudo, existem aspectos dos jornalistas e do jornalismo que quase sempre são explorados na ficção para descrever os profissionais da imprensa de forma estereotipada.

Por diversas vezes a presença do jornalista é marcada no cinema “aparecendo como um bon vivant, sedutor, boêmio e ambicioso” (ANDRADE; RIOS, 2019, p. 03).

[...] o jornalista-personagem que mais ocupa espaço na literatura é tratada pela jornalista e pesquisadora brasileira, Isabel Travancas (2003) como um profissional preocupado em defender os interesses particulares ou de sua instituição acima de seu dever para com a esfera pública. (TRAVANCAS, 2003 apud ANDRADE; RIOS, 2019, p. 03)

Uma representação muito usada nos cinemas de várias épocas é a imagem do jornalista totalmente comprometido com a carreira, que está em prol da notícia por 24 horas diárias, que não tem uma vida própria, pois vive em volta do trabalho como jornalista, ou seja, “não tem” uma vida social (SENRA, 1997 apud ANDRADE; RIOS, 2019). “Sem família, gostos, passatempos ou interesses pessoais desligados do trabalho, ele também raramente sofre alguma evolução drástica ao longo da narrativa” (ANDRADE; RIOS, 2019, p. 03). Se não forem essas as características escolhidas para retratar os mesmos, uma muito popular entre os cineastas é a do profissional caricatura, que esboça expressões exageradas ou que é o alívio cômico da produção.

Nos filmes os jornalistas sempre são pessoas inteligentes, perspicazes, que chegam às conclusões rapidamente, com a facilidade de um Sherlock Holmes. Isso encanta a plateia, que se identifica e se coloca na posição do personagem, procurando também desvendar a história. E no final, tudo acaba bem, com o jornalista conseguindo publicar sua reportagem e tendo sucesso na carreira. (TARAPANOFF, 2014, p. 53 apud ANDRADE; RIOS 2019, p. 04)

3.2 Jornalismo Investigativo

O jornalismo investigativo é sem dúvida uma das categorias de jornalismo mais abordada pelo cinema, pois, esse tipo de jornalismo pode ser moldado a favor da narrativa da história, podendo ser ela um suspense, mistério ou uma aventura que são as quais o cinema adora explorar. O jornalista investigador é um profissional tão dedicado a profissão que muitas vezes para poder ter um ângulo perfeito ou um “furo” de reportagem participa ativamente da ação, põe sua vida em risco e se

envolve tanto com a situação que pode moldar, transformar e até criar acontecimentos. (ROCKENBACH, 2009)

Outras representações mostradas no cinema são a do profissional que “descobre em poucas deliberações, transcorridas em poucos dias, o que a força policial e o poder público não descobriram em anos de investigações” (ROCKENBACH, 2009, p. 63).

Todo o jornalista de certa forma é um investigador, seja em maior ou menor grau, por sua postura de buscar averiguar seus “fatos reais” como é conhecido popularmente, mas o profissional que se dedica a função de jornalista investigador geralmente é questionado se ele seria um policial, um detetive ou um jornalista, já que está enraizado no conhecimento geral que o profissional de imprensa tem esse lado de denunciador que busca eternamente por fatos ocultos. (ROCKENBACH, 2009)

Com efeito, o dinamismo de um profissional que vai às ruas e se movimenta por diferentes locais, encontrando-se pessoalmente com outras pessoas, confrontando-se com outros sujeitos sociais é mais útil a uma narrativa cinematográfica que se pretende envolvente do que um profissional que apenas digita textos ou fica ao telefone. O ofício da investigação é mais bem ilustrado por ações mais enfáticas. (LOPES, 2016, p. 07)

Rockenbach, ainda salienta que o jornalista :

[...] suplantando em todos os aspectos os deveres da sua profissão: Ele se disfarça, se infiltra, mata, persegue, invade, ponta a arma e prende. Troca o exercício diário da sua profissão pela ação direta e usa o cargo de jornalista como uma mera desculpa para resolver uma pendência pessoal, por mais que brade que “A polícia não faz nada, então eu faço”. (ROCKENBACH, 2009, p. 63)

Lopes (2016) salienta, que muito do que se conhece como jornalismo investigativo vem da ideia do mesmo prestar um serviço de vigia para a sociedade. O profissional segundo a autora, deve funcionar como um sentinela da sociedade e que deve ficar atento aos descuidos dos grandes e denunciá-los à população. O jornalismo também tem o intuito de vigiar o poder e trazer informações relevantes ao público.

O trabalho de um jornalista investigativo no cinema, é um trabalho que demanda muito tempo, então, como havíamos visto antes, o jornalista investigativo também é um trabalhador nato, que deixa de lado sua vida particular para se dedicar de corpo e alma às investigações. Outra característica que sacramenta a imagem do jornalista e do jornalismo investigativo é a questão da coragem para ir até os confins do mundo se for necessário para desvendar os mistérios impostos pela trama, podendo até sofrer ameaças pela função que desempenha.

Com tudo que já foi dito, podemos notar que o jornalismo investigativo é um ramo da profissão que o cinema mais gosta de explorar, pois, é uma categoria que abrange quase todas as vertentes do cinema e pode ser incluída em diversos gêneros cinematográficos.

3.3 Jornalismo Sensacionalista

O sensacionalismo é uma prática de mídia do jornalismo que está muito em alta nos últimos tempos graças a diversos programas que passam na tv e são produções que dão muita audiência por seu “conteúdo” chocante. Programas de baixo orçamento que contém conteúdo de baixo nível que atrai o público pelo “bizarro”, mostrando crimes hediondos, violência extrema, escândalos, catástrofes, etc. Esse tipo de jornalismo busca atrair o público através da comoção, da emoção, sem contar que o grau informativo desse tipo de noticiário é quase “zero”, se torna no imaginário popular como “fofoca”.

No entanto, não parece ser isso que ocorre na reverberação sensacionalista. Não há dúvida de que a divulgação de uma ação criminosa pode levar a um movimento mimético – relação muito comum que se faz quando se acusa os mídia de “ensinar” práticas criminosas e noticia-las. O que se esquece é que o crime seria cometido de qualquer maneira. A questão não está no “modus operandi”, mas no desejo ou na necessidade de praticar determinado crime. Processo igual se desenvolve na ampliação sensacionalista do ato violento. É certo que o jornal torna sensacional o fait divers, que vai merecer um registro de duas ou três linhas no informativo comum. É certo que essa prática traduz o sentido do termo ‘sensacionalista’ ao colocar uma “lente de aumento” sobre o fato não necessariamente sensacional. Mas ao fazer esse movimento, ao valorizar a notícia que traduz um fato violento, o jornal sensacionalista está apenas atendendo a um desejo específico de seu público. (ANGRIMANI SOBRINHO, 1995, p. 57)

Através disso não é difícil encontrar filmes de cunho jornalístico que visem utilizar desse aspecto como ferramenta narrativa para que possa haver um certo chamariz para a produção. Encontram-se muitas produções cinematográficas com essas características. Se na vida real tudo já é muito chocante para o padrão, nos filmes costumam extrapolar esse padrão para dar mais “ação” a trama, usando e abusando dos estereótipos criados sobre a imagem do jornalista. Segundo o autor Angrimani Sobrinho (1995, p. 57), “uma das críticas mais comuns, que se faz contra os jornais sensacionalistas, deduz que esse gênero de imprensa apanha um acontecimento parcial e cotidiano, amplia-o, e assim colaboraria para a reprodução da violência”.

4 Orientações Metodológicas

Como observamos na obra *Análise Fílmica* de Vanoye e Goliot-Lété (1994), analisar um filme inteiro ou partes dele, é um processo bastante semelhante a um método laboratorial de se estudar elementos químicos. É necessário, decompor, separar e desconstruir os elementos que constituem um todo, nesse caso um filme, com intuito de analisá-los em partes. Com isso, obtemos um grupo de elementos distintos de uma mesma produção. (VANOYE; GOLLOT-LÉTÉ, 1994)

Uma segunda fase consiste, em seguida, em estabelecer elos entre esses elementos isolados, em compreender como eles se associam e se tornam cúmplices para fazer surgir um todo significativo: reconstruir um filme ou fragmentos." (VANOYE; GOLLOT-LÉTÉ, 1994, p. 15)

Com o pensamento de aprofundar mais o estudo, também trabalharemos com o texto *Análise de Imagens em Movimento* de Diana Rose (2002), que recomenda que o conteúdo dos filmes seja distribuído e transcrito em duas colunas: do lado esquerdo, estará a descrição visual, que serve para apresentar o que está sendo mostrado em tela, já do lado direito, será feito o detalhamento de tudo que estiver ligado com a questão verbal. No visual, nessa atividade fazemos a transcrição de tudo que pode ser visto em cena e que seja relevante para proposta de nosso estudo, já no verbal, mostraremos todos os diálogos presentes, inclusive observando a trilha sonora e outros sons que sejam importantes para a proposta de estudo.

Rose (2002), argumenta que sejam selecionados diversos trechos de textos visuais para a transcrição. Cada opção deve ser bastante criteriosa e constar explicitamente porque certas escolhas foram feitas e outras não. A autora ainda defende que elementos variados são utilizados para transmitir emoção como: ângulos de câmeras, tomadas individuais ou grupais, aspectos de iluminação e música, pois, todos esses elementos compõem produções audiovisuais.

Aumont (2004), ressalta que análise e interpretação tem ligação efetiva entre uma e outra. Segundo o autor, a interpretação será o 'motor' que alimenta o imaginativo e inventivo analítico. Com isso, para uma análise elaborada com

sucesso é necessário conseguir utilizar com propriedade as capacidades interpretativas. (AUMONT; MARIE, 2004)

O olhar com que se vê um filme tornar-se analítico quando, como a etimologia indica, decidimos dissociar certos elementos do filme para nos interessarmos mais especialmente por tal momento, tal imagem ou parte da imagem, tal situação." (AUMONT; MARIE, 2004, p. 11)

Com base nessas orientações serão selecionados planos, cenas ou sequências de tais obras para a realização da análise.

O primeiro filme evidenciaram-se de modo mais explícito os elementos pressupostos para a análise como o jornalismo investigativo com fontes humanas, documentais, sensacionalismo, espetacularização, características do jornalista, devido a isto, a análise dessa obra ocupa um espaço maior. Nas outras duas obras, verificam-se prioritariamente: o elemento sensacionalismo e espetacularização para o filme *Não Olhe para Cima* e o jornalismo ético e investigativo em documentos governamentais para o filme *The Post - A Guerra Secreta*. Ainda sim, outros elementos também são observados já que também assumem relevância nas narrativas.

Os recortes dos filmes foram realizados a partir dos critérios de como cada um deles se enquadra no decorrer desse trabalho.

Cada um dos filmes analisados possuem fortes pontos importantes que ajudam a ilustrar como os jornalistas e o jornalismo são mostrados no cinema.

5. Análise

Um filme como uma produção audiovisual que visa trazer entretenimento ao público, eles costumam na maioria das vezes trazer personagens fortes. As situações que envolvem os jornalistas e o jornalismo, verificadas nas narrativas cinematográficas, não correspondem em muito à realidade do profissional de jornalismo, pois o dia a dia em uma redação real provavelmente não seria tão atrativo para quem estaria assistindo. O jornalismo é uma ferramenta muito importante para a população, mas em geral não é tão emocionante como em um filme de investigação. Os filmes a seguir se distanciam muito da realidade do jornalismo.

5.1 INTRIGAS DE ESTADO:

State of Play ou *Intrigas de Estado* (2009) é um filme dirigido por Kevin Macdonald, estrelado por Russell Crowe, Ben Affleck, Rachel McAdams e Helen Mirren.

Na história conhecemos Cal McCaffrey (personagem interpretado por Russell Crowe), um jornalista veterano que investiga o suposto “suicídio” nos trilhos do metrô da assistente de um velho amigo seu, Stephen Collins (personagem de Ben Affleck). Futuramente, veremos que era mais que uma assistente e que na verdade ela foi assassinada.

McCaffrey decide então por conta própria começar uma investigação para ajudar a melhorar um pouco a imagem de seu amigo, que tem seu nome envolvido nesse escândalo de ter um relacionamento amoroso com sua assistente, mesmo sendo casado.

Nessa investigação McCaffrey vai contar com a ajuda da “Blogueira” Della Frye (interpretada por Rachel McAdams) e juntos encabeçaram uma enorme cobertura jornalística que envolve um político muito popular e de grande poder corporativo. Em busca da verdade, grandes segredos serão revelados.

Intrigas de Estado pode ser caracterizado como “*Newspaper Movies*” por se tratar de um filme que tem o jornalismo como foco principal da narrativa. Sendo um filme que tem como característica principal o trabalho do jornalista e do jornalismo, aqui podemos notar fortes aspectos dessa profissão que são muito abordados em

diversos outros filmes desse segmento. O filme utiliza pouca trilha sonora de fundo e investe mais nos sons ambiente, deixando a trilha para momentos mais pontuais em que ela é realmente necessária para trazer algum tipo de carga dramática para a trama.

O filme tem seus momentos tensos de investigação, onde os jornalistas põem sua vida em risco por diversas vezes para obter informações. Aqui vemos um “mix” do jornalista que apura e busca suas fontes tanto por telefone como se desloca da redação até o local. Ou seja, o filme tem fortes traços de jornalismo investigativo por parte dos protagonistas que em certos momentos usam de pequenas mentiras para obter fontes e informações necessárias para sua matéria. Na busca de informações, Della Frye chega a questionar se alguma regra foi infringida, que é logo rebatida por Cal dizendo: “Não, isso é chamado jornalismo excepcional”.

Pouco do jornalismo sensacionalista é visto por aqui, essas características são mais apresentadas em manchetes online, de jornais e principalmente no telejornal que os apresentadores e repórteres em suas falas editadas de maneira a dar ênfase às notícias que estão sendo mostradas. Outro ponto muito interessante de se citar é a importância dos lucros que a editora do jornal almeja.

5.2 Apresentação do jornalista protagonista

Tabela 1 – Conhecemos o protagonista

DIMENSÃO VISUAL	DIMENSÃO VERBAL/SONORA
<p>A cena começa com um plano aberto do lado do carro e já vemos e ouvimos o jornalista Cal McCaffrey cantando. Logo faz um plano fechado em um bloco de notas na mão dele mostrando um endereço que descobrimos posteriormente que é uma cena de crime. A câmera está sempre tremendo, isso dá a sensação de imediatismo na cena. A cena traz cores muito cinza e causa a sensação de frio ou nublado. Em seu carro já observamos Cal comendo algum tipo de alimento industrializado que não dá para identificar e comendo salgadinho Cheetos enquanto dirige, logo, ele que ele termina de comer joga a embalagem para</p>	<p>Música animada tocando e sons ambiente. Podemos ouvir também Cal cantando acompanhando a música.</p>

DIMENSÃO VISUAL	DIMENSÃO VERBAL/SONORA
o banco de trás e podemos observar alguns blocos de notas e jornais.	

Fonte: Intriga de Estado

Aqui nos é apresentado o protagonista da nossa história, o jornalista Cal McCaffrey interpretado por Russell Crowe, na cena podemos observar que ele está se dirigindo a uma cena de crime na qual fará a cobertura jornalística, e como todo jornalista que se preze, principalmente no cinema, é recorrente ilustrar o jornalista como alguém que come mal e o faz enquanto trabalha e em quaisquer condições. É possível observar que a alimentação saudável não é algo que está no cardápio do profissional. Com o ângulo de câmera mais fechado podemos notar a aparência do homem, cabelo comprido despenteado, barbudo, passa um pouco a impressão de desleixo, um sinal que não liga para a aparência, mas sim para um trabalho executado de maneira esplêndida.

Figura 01 - Fotograma de Cal comendo alimentos não nutritivos



Fonte: Intriga de Estado

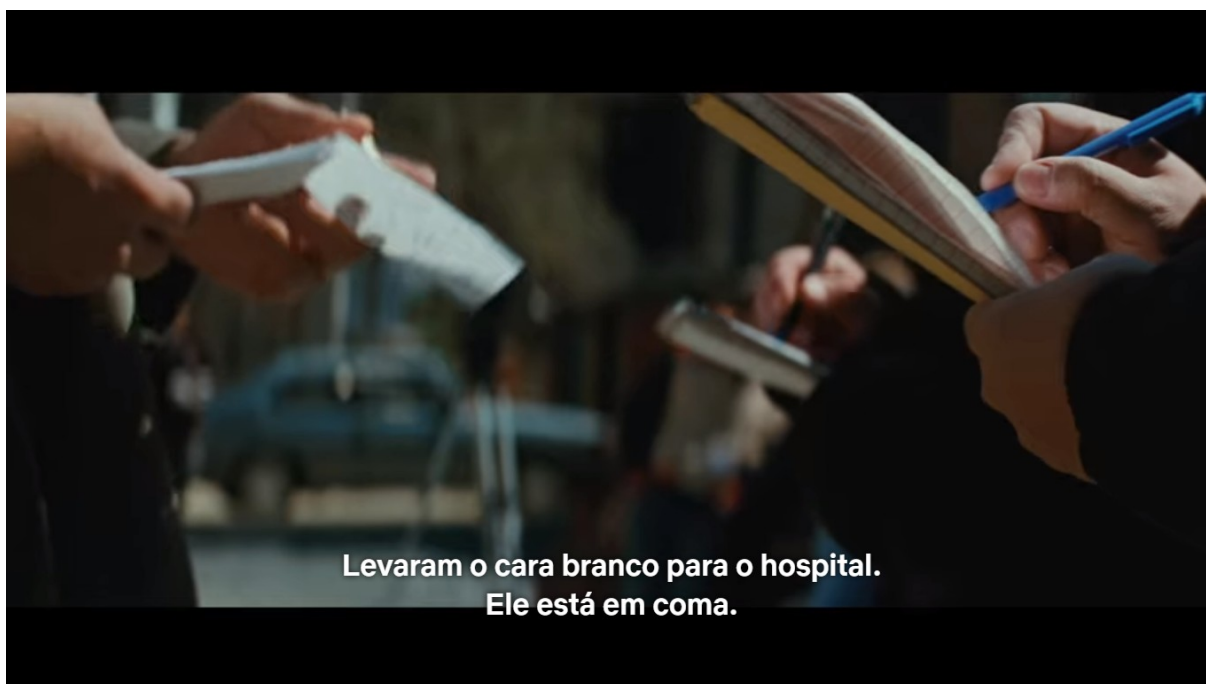
Observando a cena do próximo frame, é possível verificar que o profissional é muito dedicado ao trabalho, pois ele carrega consigo muitos blocos de notas e jornais, também no ato de jogar a embalagem para trás observamos que ele passa muito tempo em movimento. Nesta cena também é possível deduzir que o protagonista não dispõe de um tempo muito grande para se dedicar a vida pessoal, que em primeiríssimo lugar está a profissão na qual executa com êxito.

Figura 2 - Banco de trás do carro de Cal



Fonte: Intrigas de Estado

Figura 3 - Chegada de Cal na cena de crime e os jornalistas coletando depoimento



Fonte: Intriga de Estado

Cal chegando na cena do crime já demonstra que ele tem um certo “preparo” a mais que os outros jornalistas. É provável que os anos de trabalho árduo tenham lhe ensinado alguns truques e que a sugestiva “aproximação” com o detetive de polícia lhe dê algumas vantagens sobre os outros. Esse pensamento é possível graças ao momento no que Cal chega na cena de crime e o detetive já exclama algumas palavras que dão a entender que tem uma certa “aproximação” e que o próprio Cal tem acesso à cena do crime.

Figura 4 - Cal usando de sua sagacidade para obter informações do detetive



Fonte: Intriga de Estado

Com Cal usando alguns truques para conseguir informações privilegiadas do detetive, começam a “brincar” de afirmativo e negativo. O jornalista formula perguntas que o detetive só pode responder “Sim” ou “Não”. O detetive de imediato não aceita participar, mas logo após o jornalista insistir e falar que não citará o nome da fonte o detetive aceita passar as informações. Sendo Cal um excelente profissional e com uma boa relação com as autoridades, ele consegue usar de sua sagacidade para ir além do que muito jornalista no filme vai.

5.3 Chegada na redação

Chegando na redação do Washington Globe já avistamos como é a redação desse jornal, se tratando de um jornal impresso existem pilhas e mais pilhas de papéis distribuídos nas mesas de todos os trabalhadores. Aqui podemos ver pela entrada onde o nome do jornal está sendo consertado que talvez seja uma alusão que o lugar não está indo bem financeiramente e por isso tudo parece tão antigo mesmo o filme se passando em dias atuais de quando foi lançado. Essa situação foi demarcada mais pelo ambiente meio caótico na qual Cal trabalha.

Tabela 2 – *Chegada na redação.*

DIMENSÃO VISUAL	DIMENSÃO VERBAL/SONORA
<p>Chegando em Washington Globe, Cal McCaffrey cumprimenta seu colega de trabalho e logo é abordado por outro colega, Gene Stavitz.</p> <p>O ambiente é uma redação de jornal, com várias pessoas trabalhando e várias mesas abarrotadas de papéis.</p>	<p>Colega: “Bom dia, Pittsburgh.”</p> <p>Cal: “Yinzer.”</p> <p>Gene: “Cal.”</p> <p>Cal: “Bom dia.”</p> <p>Gene: “Me conte sobre o tiroteio.”</p> <p>Cal: “Um deles ainda está vivo”</p> <p>Gene: “Deshaun Stagg?”</p> <p>Cal: “Não, ele está morto. O outro cara de bicicleta, Vernon Sando.”</p>

Fonte: Intriga de Estado

Figura 5 – *Chegada na redação e o tumulto*

Fonte: Intriga de Estado

Figura 6 - Della Frye tentando conseguir informações com Cal



Fonte: Intrigas de Estado

Se prestarmos atenção, não é só a redação do jornal que é caótica, mas o cubículo na qual Cal trabalha também é abarrotada de papéis e jornais e passa a sensação de ser um local imundo. Della Frye interpretada por Rachel McAdams, chega para falar com ele para obter algumas informações para seu blog, ela dá uma olhada em volta de seu espaço e vê a quantidade de coisas espalhadas antes de tentar entrevistar ele para obter informações sobre o Deputado, visto que ambos são velhos amigos.

Tabela 3 – Conhecendo a colega de trabalho

DIMENSÃO VISUAL	DIMENSÃO VERBAL/SONORA
<p>Nessa cena há grande quantidade de papéis e post-its e jornais presos na parede do local de trabalho de Cal e podemos ver também pilhas de papéis sobre as mesas. Nesse momento a colega de trabalho dele vem conversar sobre uma fonte sua.</p>	<p>Della: “Sou fã do seu trabalho. Estou escrevendo uma matéria sobre relacionamentos dentro da política, algo como: ‘Solteiras nos corredores do poder’, e como deve saber, houve um incidente no Capitol Hill hoje, na audiência do seu amigo.</p>

	<p>Cal: "Você vai fazer alguma pergunta?"</p> <p>Della: "Sim. Falou com ele hoje?"</p> <p>Cal: "Está tentando me colocar na sua história?"</p> <p>Della: "Não. Estou tentando conseguir um contexto."</p> <p>Cal: "Contexto quer dizer fofoca?"</p> <p>Della: "Você acha que ele tinha um caso com aquela moça?"</p> <p>Cal: "Pelo amor de Deus, Della."</p> <p>Della: "Sim."</p> <p>Cal: "Não sei. Eu teria de ler alguns blogs para formar uma opinião."</p> <p>Della: "Tudo bem. Obrigada pela ajuda."</p> <p>Cal: "Disponha!"</p> <p>Sobe música de fundo.</p>
--	--

Fonte: Intrigas de Estado

Nessa cena podemos observar também e percebemos como o filme apresenta o profissional, como a pessoa obcecada pelo trabalho que pensa em trabalho o tempo todo que nem em seu próprio ambiente pode ficar em "sossego" que alguém pode em breve vir tentar tirar resposta de você. Aqui nesta cena percebemos também o jeito mais sério de ser do personagem. Della, por ser jovem trabalha com post na internet e divulga "fofoca" assim como Cal insinua. Já ele, por ser uma pessoa mais velha, trabalha no impresso e tem fama de dar "patadas" verbais nas pessoas.

Figura 7 – A editora econômica



Fonte: Intrigas de Estado

Aqui vemos a editora-chefe Cameron Lynne interpretada por Helen Mirren, tendo uma pequena discussão de trabalho com Cal. Nessa discussão ela expõe que estão precisando fazer o jornal dar lucro para os patrões, então ela “reclama” que ele é demorado e produz pouco, enquanto Della Frye produz muito e custa pouco aos bolsos do jornal, além é claro que reconhecer a ambição da profissional que também é uma característica muito relevante quando tratamos jornalistas no cinema.

Essa é uma característica muito utilizada no cinema sobre a representação do jornalista e jornalismo, o editor, nesse caso a editora-chefe sempre se preocupa com as questões financeiras e com vendas de jornais e às vezes se preocupa menos com a qualidade do conteúdo desde que venda.

Figura 8 – Morreu por amor

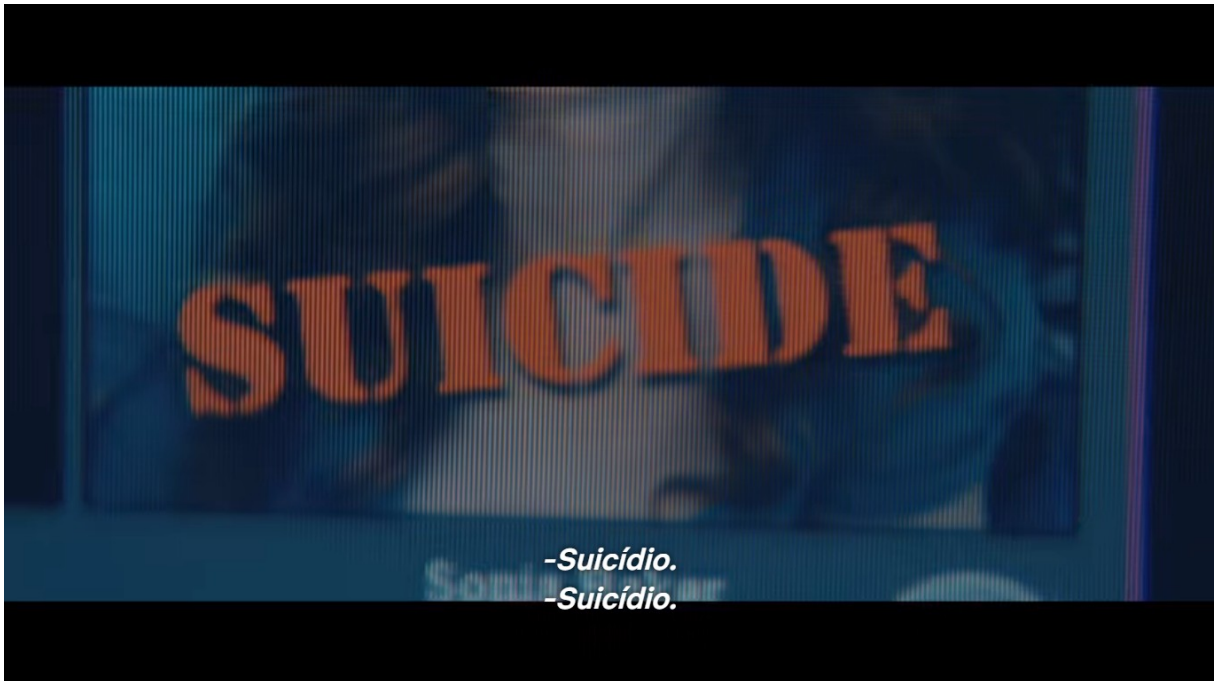


Fonte: Intrigas de Estado

Assim que começaram a cobrir a morte de Sonia Baker, diversos jornais começaram a usar manchetes chamativas tentando causar empatia do público com a notícia como essa que vemos acima. Além dos jornais impressos, sites e os telejornais noticiaram de forma muito “over” esse acontecimento. Nas falas dos jornalistas de telejornal deixa tudo mais explícito de que tem a intenção de chocar as pessoas, e a ênfase que dão a possível causa que no momento é desconhecida deixa tudo mais obscuro como foi que ela realmente morreu.

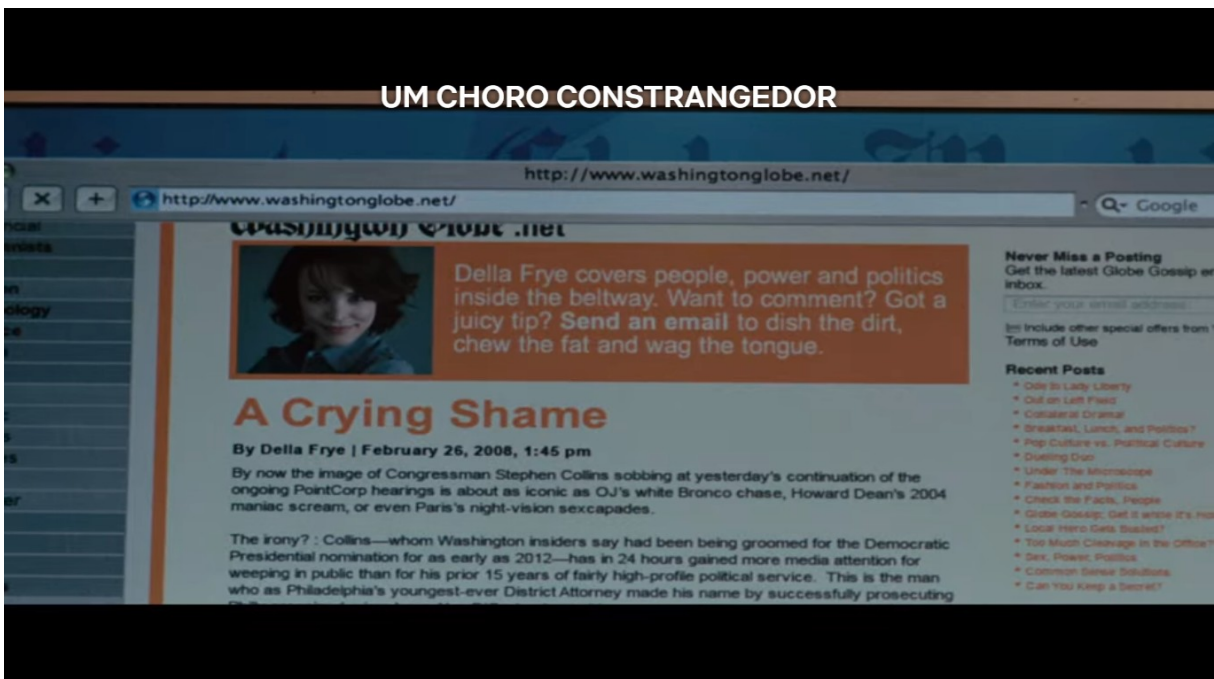
A grande maioria das mídias que divulgou quase as mesmas informações sobre o acontecido, tem como “culpado” de tudo que está passando o Deputado Collins que segundo os veículos foi ele o provável motivo do “suicídio” de Baker por se aproveitar da moça como vemos no frame abaixo.

Figura 9 – Sensacionalismo forçado



Fonte: Intrigas de Estado

Figura 10 – Forçando a barra



Fonte: Intrigas de Estado

.O sensacionalismo se dá de diversas formas aqui, junto com a edição das vozes dando ênfase ao suposto “suicídio” até os trechos de reportagens publicadas nos sites de notícias que todavia podem estar noticiando informações verdadeiras ou equivocadas sobre a morte de Baker e sobre o envolvimento do deputado.

5.4 A Investigação começa

Em busca de algumas informações, Cal vai ao encontro de sua fonte no necrotério e conversa com a Dra. Judith Franklin interpretada por Viola Davis, para averiguar se ela pode saber alguma coisa sobre o assassino ou se pode encontrar algo importante nos pertences da vítima. Aqui vemos a grande sagacidade do profissional de jornalismo em obter informações de fazendo uma busca nos lugares corretos da forma não tão correta, pois, ele não deveria poder mexer nos pertences da vítima e mesmo assim o faz.

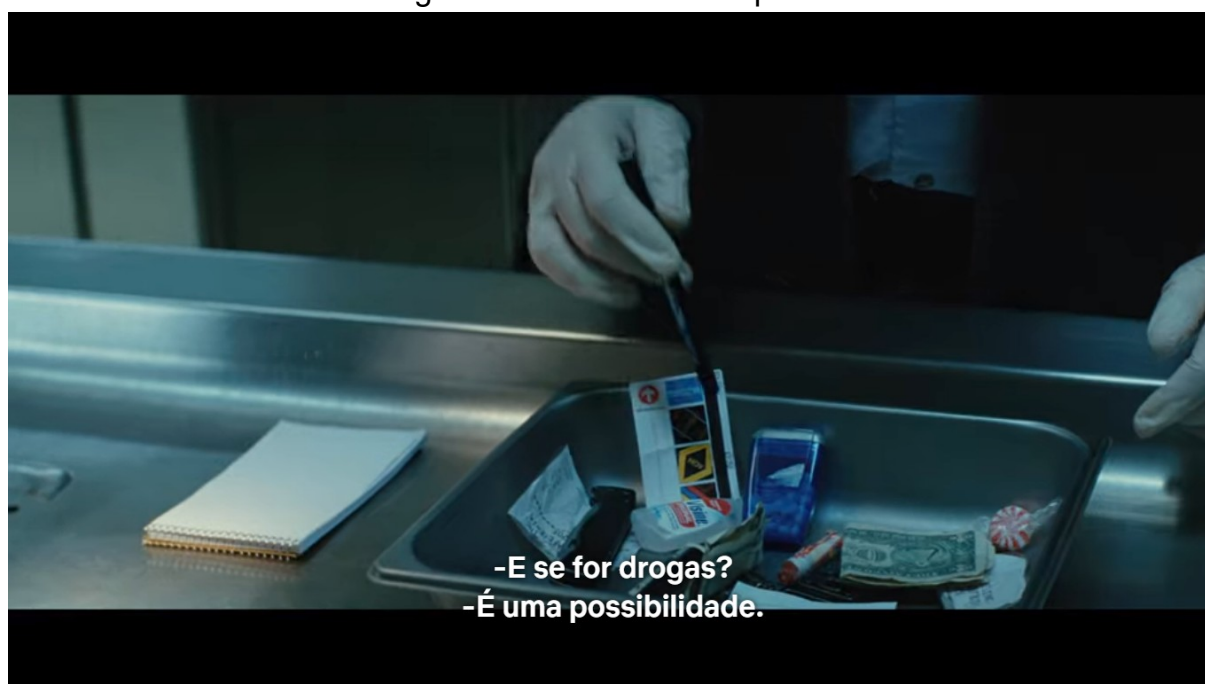
Tabela 4 – No necrotério buscando pistas

DIMENSÃO VISUAL	DIMENSÃO VERBAL/ SONORA
<p>Em aspectos de enquadramento a doutora está de costas para a câmera e Cal está a frente dela lendo um prontuário. Assim que se aproxima e pega o prontuário das mãos dele, ambos ficam em primeiro plano no enquadramento.</p> <p>A cena corta e vemos um plano médio que mostra bem o lugar onde estão ambos. Cal se aproxima de uma bandeja com alguns itens dentro, se aproximando da bandeja é dado um close up nos objetos expostos, a imagem sempre tremida. Mais um close up é feito agora no celular e no bloquinho de notas.</p> <p>A câmera gira enquanto a doutora se aproxima e continua desfocada, mas não tira o foco de Cal que continua escrevendo e o ângulo do enquadramento continua normal. Quando ela começa falar o foco vai para ela. Ele sai da sala.</p>	<p>Cal: “Deshaun Stagg. Seria legal se conseguissem escrever o nome dele direito.”</p> <p>Dra. Judith: “Ninguém veio buscar as coisas dele. É impressionante.”</p> <p>Cal: Nunca aconteceu com um branco.”</p> <p>Dra. Judith: “Corta essa. Não estou a fim.”</p> <p>Cal: “O que, nada de amor nem política? Sobre o que vamos conversar?”</p> <p>Dra. Judith: “Não vamos conversar. Precisa sair daqui antes que nos cause problemas.”</p> <p>Cal: “Dizem que foi só um atirador. O que acha?”</p> <p>Dra. Judith: “Não tenho ideia.”</p> <p>Cal: “E se for drogas?”</p> <p>Dra. Judith: “É uma possibilidade. Vamos, Cal, deixa isso quieto.”</p> <p>Cal: “Feche os olhos. Só estou verificando o celular</p>

	<p>dele.”</p> <p>Dra. Judith: “Pode esperar, eles vão decidir vir pegar essa coisa agora. E o que vai fazer? Escrever artigos, conseguir meu emprego de volta?”</p> <p>Cal: “Sabe que sim.”</p> <p>Dra. Judith: “Cal?”</p> <p>Dra. Judith: “Cal, pelo amor de Deus, o que vou dizer ao Jack se ele chegar?”</p> <p>Cal: “Nada, porque eu terminei.”</p> <p>Cal: “Na próxima vez te dou um abraço, está bem?”</p> <p>Cal: “Tchau.”</p>
--	---

Fonte: Intrigas de Estado

Figura 11 – Em busca de pistas



Fonte: Intrigas de Estado

Conversando com a doutora, ele tira proveito da oportunidade enquanto ela está de costas e se aproximar do balcão com alguns objetos dentro de uma bandeja, dentro Cal encontra o celular da vítima e anota alguns números que são possíveis fontes de informações, nesse momento a médica vê o que ele está fazendo e pede para parar para ela não se meter em encrenca caso algum superior apareça de surpresa no local. Aqui é um momento que vemos o jornalista que faz qualquer coisa

para conseguir informações para sua reportagem, até arrisca o emprego de sua fonte para isso.

Figura 12 – Achei alguma coisa!



Fonte: Intrigas de Estado

Figura 13 – Cuidado com o escuro!



Entrando em contato com os números conseguidos no celular da vítima morta a tiros, Cal encontra o número de telefone de Sonia Baker, com isso ele desconfia que a mesma poderia estar envolvida com drogas. Nesse processo que busca por respostas, ele encontra uma garota “estranha” que oferece a ele uns artigos roubados que ela tem guardado consigo. Ligando o “modo” jornalista investigativo, Cal segue a garota para um lugar escuro e escondido. Esse lugar passa a sensação de que algo ruim pode acontecer a qualquer momento, a entrada da moradia dela já é bastante suspeita. Nesse momento podemos perceber como esse profissional está decidido a solucionar o caso e publicar as verdades dos fatos, ele está pondo sua vida em jogo para ajudar o amigo e publicar uma matéria mais plausível com as pistas encontradas.

A escuridão remete ao medo e ao perigo eminente, mas aqui também passa o sentimento de tristeza e o sofrimento da própria garota por ser uma usuária de drogas viciada e por seu namorado ter sido assassinado a sangue frio. A menina está com o rosto machucado e com roupas sujas e mal cuidadas e vendo onde ela mora não é de se esperar menos disso, segundo as condições onde vive, ela é aparentemente problemática e talvez com algum tipo de distúrbio mental. Isso já seria o suficiente para qualquer pessoa pular fora da situação, mas não para um profissional da imprensa que tem suas convicções do certo e errado, então sua investigação contínua, Cal está decidido a colocar sua vida em jogo para que isso seja feito do modo correto.

Figura 14 – Esgoto é moradia?



Fonte: Intrigas de Estado

Atrás de uma pista para a sua matéria jornalística, Della se dirige até o hospital para falar com uma a vítima de tiro que sobreviveu ao ocorrido. Chegando no hospital ela começa a andar pelos corredores e nesse meio tempo a vítima acorda do coma, em conjunto com a trilha sonora ambiente é possível ouvir a trilha instrumental de fundo, que indica que o perigo está próximo ou que vai acontecer algo muito terrível.

Entrando no quarto de hospital onde está a vítima, Della tenta convencer os enfermeiros a deixá-la fazer algumas perguntas ao homem recém-acordado do coma, mas não obtém sucesso. Pouco antes de ser expulsa do quarto, algo estoura e os tiros começam a ser efetuados contra todos os presentes. Essa tensão já havia sido anunciada anteriormente com a presença da trilha, que nesse momento já cessou, o que causa ainda mais a sensação de morte no recinto. Della como todo bom jornalista pôs a vida em jogo, mesmo que possa ter sido de maneira desproposital e que tudo aconteceu de repente, pois, ela não agiu como Cal, que procurou o perigo quando seguiu a garota anteriormente. No caso dela foi obra do

destino, mas isso não tira o mérito de que ela estava fazendo o trabalho que foi incumbida.

Figura 15 – Adeus para sua fonte



Fonte: Intrigas de Estado

O aspecto da cena que está todo envolto no azul que é uma cor fria misturado com o sangue vermelho deixa tudo mais “sinistro” e é mais possível sentir a dor da protagonista e o medo nos olhos dela. As expressões faciais da personagem também induzem ao público a se identificar mais com ela, pois, é plausível pensar que pessoas na vida real teriam a mesma reação e no fim a vítima que sobreviveu se tornou uma vítima fatal.

Figura 16 – Quem sou eu?



Fonte: Intrigas de Estado

Continuando as buscas, Cal chega “disfarçado” em uma feira para poder entrar em contato com um militar que trabalha na PointCorp, empresa que está sendo investigada. Se visualizarmos bem, ele tenta não chamar a atenção das pessoas ao seu redor para fazer o contato com a fonte. Significa que sua vida está em risco novamente e que ele precisa tomar cuidado com quem fala se não toda sua investigação pode ter sido em vão. Ao fazer o contato com o homem que não se identificou, ambos tentam ser o mais discretos possível para que todos seus esforços de conseguir uma pista sejam bem sucedidos e para não expor a si mesmo e sua fonte secreta de dentro da empresa a pessoas indesejadas que podem interferir em sua busca.

5.5 A revelação do assassino e a conclusão investigação

McCaffrey, atrás de mais uma pista que descobriu através de uma fonte secreta, foi em busca de um homem que segundo ele poderia ser uma provável fonte. Chegando ao edifício, ele anda por um corredor extenso até o apartamento da

pessoa e observa que a porta está um pouco aberta e nota que uma meia impede que a porta se feche totalmente. Nessa cena, não existe trilha sonora, podemos apenas ouvir os passos de Cal, batidas que ele dá na porta e seu chamado pelo senhor Summers. O silêncio ensurdecedor deixa toda a composição de cena mais tensa para o que virá a seguir.

Depois de observar que no apartamento não há ninguém, ele se depara com indivíduo muito suspeito e, nesse momento, o silêncio que pairava no ar cessa e dá início a uma trilha instrumental de tensão, que deixa a situação muito amedrontadora. Para colaborar com a construção de suspense a imagem dá um “Close up” no rosto de Cal, demonstrando a expressão de medo que o abateu, enquanto observa a silhueta de um homem que está vindo nas sombras em sua direção, fazendo aumentar o clima de tensão entre os personagens, e a trilha que provoca medo continua.

Figura 17 – Acho que algo ruim vai acontecer



Fonte: Intrigas de Estado

Cal como um jornalista mestre em meter-se em apuros consegue sair “ileso” por enquanto do edifício, chama a polícia e se esconde na garagem, mas é rapidamente perseguido pelo homem, que possui uma arma e está pronto para atirar. A trilha de suspense sobe, dando ênfase ao perigo que Cal está passando,

ficando no lugar com um atirador de elite. Escondendo-se entre os carros, ele tenta despistar o atirador. Realmente Cal corre o risco de morte.

Figura 18 – Melhor se esconder



Fonte: Intrigas de Estado

Uma característica muito importante abordada sobre o jornalismo investigativo é o fator do profissional conseguir descobrir pistas primeiro que a polícia. Durante todo o filme só vemos os policiais em momentos pontuais e, quando eles comparecem à redação, pedindo para que os jornalistas compartilhem informações com eles para ajudá-los na própria investigação.

Figura 19 – Falas sem credibilidade



Fonte: Intrigas de Estado

O sensacionalismo na história é tratado de maneira mais sutil em alguns momentos e mais escrachados em outros, como podemos ver na imagem acima. Rhonda Silver, interpretada por Katy Mixon, é amiga da falecida Sonia Baker e ela aceita dar uma coletiva para abordar a questão de escândalo sexual no congresso e falar que Collins era um dos homens que faziam esse tipo de coisa com as mulheres. A questão do sensacionalismo entra aqui principalmente com o jeito de falar e da interpretação da entrevistada que fala em tons de voz que remetem à sensualidade e usa termos muito sugestivos. Sem contar que outros jornais impressos também publicaram a mesma matéria sobre o escândalo do congresso abordando o deputado e os títulos super especulativos sobre a veracidade do conteúdo do depoimento de Silver.

Figura 20 – Será que é realmente verdade?



Fonte: Intrigas de Estado

Cal decide então entrevistar Dominic Foy, interpretado por Jason Bateman, o relações públicas da empresa que estão investigando, e para isso eles utilizam a técnica de gravação de vídeo e áudio para obter mais informações sobre a PointCorp. Farão isso sem que Foy saiba. Com essa informação, Della tem uma epifania e questiona a ilegalidade do “modus operandi” sugerido por McCaffrey.

Figura 21 – Somos policiais?



Fonte: Intrigas de Estado

Gravar a conversa nos dias de hoje é bastante comum para os jornalistas, mas fazer gravações sejam quais forem sem a autorização ou escondido do entrevistado é ilegal, sem contar que vai contra a ética jornalística. Pois, o jornalista investigador pode até ser confundido com policial ou detetive, mas o mesmo não ocupa nem uma das funções, assim como questionado por Della Frye na imagem acima.

Figura 21 – Será publicado mesmo que eu morra!



Fonte: Intrigas de Estado

Cal confronta Collins depois que descobre que ele estava envolvido de certa forma com a morte de Sonia Baker, e que conhecia o real autor do crime que foi contratado pelo próprio deputado para observar Baker. Como um jornalista e com o compromisso com a verdade dos fatos, McCaffrey promete publicar a matéria que expõe o real responsável pela morte de Sonia, nesse caso seu “amigo”, seguindo o código de ética jornalístico. Os laços entre ambos se estreitaram ainda mais a partir do momento que McCaffrey descobre que Collins também estava tentando usá-lo para encobrir seu crime. Saindo no local é encurralado por um militar armado, e, mesmo frente a frente com a arma, não deixa de dizer que a matéria será publicada de qualquer jeito sendo feita por ele ou não. Isso é uma característica do jornalismo de cinema, quando o jornalista age como um herói, não importando as consequências para si próprio. Depois de todo o trabalho e perigos passados, o jornalista conseguiu enfim publicar sua reportagem especial.

5.6 Não Olhe para Cima

Don't Look Up ou *Não Olhe para Cima*, como ficou conhecido no Brasil, é um filme de lançado na plataforma de streaming Netflix em dezembro de 2021,

dirigido por Adam McKay, estrelado por Leonardo DiCaprio, Jennifer Lawrence, Meryl Streep, Cate Blanchett. O filme se enquadra na categoria Catástrofe e Fantasia.

A narrativa segue o astrônomo Dr. Randall Mindy interpretado por Leonardo DiCaprio e sua aluna Kate Dibiasky Interpretada por Jennifer Lawrence. Em uma de suas aulas, ele descobre que um cometa gigante está prestes a se chocar com a Terra, e precisam urgentemente alertar os cidadãos por intermédio da imprensa de que existe um perigo iminente de extinção em massa.

Não Olhe para Cima é um filme que traz uma alegoria sobre a questão de mudança climática e a crença exacerbada no poder político, que utiliza o radicalismo e o negacionismo para exercer influência sobre a sociedade e fazer com que os cidadãos acreditem no que dirigentes querem que acreditem.

O filme levanta certos questionamentos sobre o negacionismo e o radicalismo, também traz elementos para a reflexão sobre a mudança climática e a alegoria da indiferença do poder governamental e da mídia sobre a crise climática pela qual o mundo passa.

5.7 Suco do sensacionalismo

Tabela 5 - Notícia de mau gosto para o xerife e de ótimo gosto para os telejornais

DIMENSÃO VISUAL	DIMENSÃO VERBAL/ SONORA
<p>No que se refere ao enquadramento, o apresentador aparece em primeiro plano e evidenciamos apenas ele nesse primeiro momento na bancada.</p>	<p>Jack: “Brie, tenho uma boa para você hoje. Escuta só. O candidato a presidente Orlean, xerife Conlon, participou de um pornô soft-core de TV a cabo. Dos anos 90. O nome é Noites em Lençol de Cetim. Todo dia tem algo novo...”</p> <p>Brie: “Meu Deus!”</p> <p>Jack: “Vai e volta”</p> <p>Brie: “Pois é, essa é uma história que ainda vai dar muito o que falar”</p> <p>Jack: “Essa foi boa!”</p> <p>Brie: “Manda ver, Cowboy!”</p> <p>Jack: “Essa foi boa!”</p>

	Brie: "Vai!"
--	--------------

Fonte: Não Olhe para Cima

Tabela 6 - O que não fazem por audiência

DIMENSÃO VISUAL	DIMENSÃO VERBAL/ SONORA
<p>Logo, é mostrada em primeiro plano a cantora Riley Bina (Ariana Grande). Corta para os apresentadores. Brie (Cate Blanchett) está com um vestido vermelho, uma cor bastante chamativa que conversa com o cenário atrás dela, já Jack se distancia completamente da paleta de cores. Ambos estão em primeiro plano.</p> <p>Logo corta para um plano médio, mostrando parte do cenário e todos personagens no meio da imagem. Esse plano mais aberto mostra a grandeza do estúdio, a beleza do cenário e o contraste do vermelho com branco, que deixa tudo mais chamativo.</p> <p>Logo o plano é alterado e passa a mostrar em plano fechado o que a câmera do telejornal do filme está captando: apenas Riley Bina, transicionando para um primeiro plano só de Bina. O ângulo muda e vemos todos os presentes em cena em um plano americano.</p> <p>Fazendo um movimento de câmera para o lado é possível ver o telão com DJ Chalho (Kid Cudi) aparecendo em primeiro plano no telão, enquanto os apresentadores e a convidada também aparecem em cena.</p>	<p>Riley Bina: "Olha, meus amigos e meus fãs do Vroom Vroom têm sido incríveis. Sou grata por isso, mas nem vou mentir, tem sido difícil."</p> <p>Brie: "Você é uma inspiração. Incrível."</p> <p>Jack: "Pra muitos."</p> <p>Brie: "Está assumindo a dor. Jack, eu acho que a gente precisa abordar uma coisa. Há alguma mensagem que queira mandar para o seu ex, o DJ Chello?"</p> <p>Jack: "Se quiser dizer algo..."</p> <p>Riley Bina: "Sim."</p> <p>Jack: "Aquela câmera. Fale como se fosse ele. Abra seu coração."</p> <p>Riley Bina: "Tá bom. Chell. Ainda te amo, e depois de várias noites sem dormir... três, te quero de volta."</p> <p>Brie: "Opa!"</p> <p>Riley Bina: "Ficou bom?"</p> <p>Jack: "Sim."</p> <p>Brie: "Ele traiu você."</p> <p>Riley Bina: "É, eu sei."</p> <p>Jack: "Parece que o DJ Chalho está ao vivo pelo Mugg."</p> <p>Brie: "Vejamos o que ele vai dizer."</p> <p>Jack: "Adoro os produtores."</p> <p>DJ Chalho: "Oi, Moção"</p> <p>Jack: "Está chorando."</p> <p>DJ Chalho: "Eu pisei na bola."</p> <p>Riley Bina: "Eu sei."</p> <p>DJ Chalho: "Lady Baroque estava sem calcinha na boate."</p>

	<p>Riley Bina: "De boa"</p> <p>DJ Challo: "Perdi a cabeça. Não pensei direito e errei feio. Pra mim, sempre foi você"</p> <p>Riley Bina: "Eu entendo. Tudo bem. Também peguei ela ano passado no Music Globes antes de fugir com o jogador do Nuggets. Nada disso importa."</p> <p>DJ Challo: "Eu tava com medo, mas não estou mais."</p> <p>Riley Bina: "Tá bom."</p> <p>DJ Challo: "Minha deusa, casa comigo?"</p> <p>Riley Bina: "Meus Deus! É claro!" "Chell, é claro!"</p> <p>DJ Challo: "Issso!"</p> <p>Riley Bina: "Que demais!"</p> <p>Brie: "Um dia digno de fogos de artifício."</p> <p>Jack: "Total."</p> <p>Brie: "Chocante."</p>
--	---

Fonte: Não Olhe para Cima

O telejornal apresentado por Brie Evantee interpretada por Cate Blanchett e Jack Bremmer interpretado Tyler Perry, são um excelente exemplo do "puro suco" do jornalismo de espetacularização e sensacionalista. O jornal já abre passando uma notícia de um xerife que participou de um programa pornô soft. Isso já mostra o tipo de conteúdo que esse programa veicula para seu público. Pelo estilo de cenário do jornal e pelas cores que ele utiliza já nos mostra a que ele veio, não é todo jornal "normal" que tem um cenário vermelho chamativo, que em geral é mais usado em telejornais sensacionalistas para atrair mais atenção.

Outra característica que podemos encontrar é o estereótipo do jornalista caricato, que basicamente serve apenas como alívio cômico da narrativa. E esses dois apresentadores conseguem ocupar muito bem esse espaço. Notando-se todos os que aparecem no programa, com exceção dos astrônomos, são caricaturas de pessoas.

Figura 22 – Esse âncora conta tudo



Fonte: Não Olhe para Cima

Na busca pela audiência, o apelo para as emoções do público se torna cada vez mais necessário para que uma emissora e um telejornal prosperar economicamente, então nesse trecho vemos o apelo árduo que o programa faz, trazendo uma cantora famosa no universo do filme, chamada Riley Bina, interpretada por Ariana Grande. Ela começa falando da carreira, mas para os apresentadores não é bom o suficiente. Então Brie puxa o assunto da vida pessoal de Bina que para o público seria mais interessante. A pauta abordada é o término dela com o namorado, que, pelo que percebemos, é um assunto muito comentado no universo do filme.

O telejornal é um programa tão assistido que depois que Riley Bina se declara para o ex, o single do DJ Chello vende feito água. Assim podemos perceber o poder que o jornalismo sensacionalista tem sobre as pessoas, e o quão rentável pode ser a espetacularização da vida alheia, principalmente de uma celebridade, tornando um assunto tão corriqueiro como o término de um relacionamento em uma verdadeira mina de ouro para os tabloides e programas de fofocas.

Figura 23 - Passando vergonha na TV



Fonte: Não Olhe para Cima

O the daily rip é um programa de grande alcance midiático e muito assistido. Seria uma boa ideia levar a informação de que o cometa vai se chocar com a Terra, mas se tratando de um jornal escrachadamente sensacionalista e que curte a espetacularização da notícia, a informação foi tratada como chacota pelos apresentadores, que estavam claramente pouco ligando para a periculosidade do

objeto que vem em direção ao planeta. Enquanto Kate tentava explicar o que era e como foi encontrado o cometa, os apresentadores ficavam fazendo piadinhas e perguntas sem sentido, fazendo com que ela surtasse com essa maneira com que os apresentadores guiam o telejornal.

Figura 24 – Isso é jornalismo?



Fonte: Não Olhe para Cima

Mesmo depois de todo o surto que Kate teve ao vivo, Brie e Jack continuaram com seus personagens caricatos. Toda a informação que foi passada pelos astrônomos foi tratada com risadas e brincadeiras, ou seja, foi feito um “circo” ao vivo em rede nacional, pois, como foi dito, os personagens são caricaturas bem “over” de representações de jornalistas de jornais sensacionalistas. O público desse tipo de noticiário anseia pela “desgraça” ou pela “fofoca”.

Figura 25 – Porque tanta felicidade



Fonte: Não Olhe para Cima

Nesse trecho podemos observar como os convidados que têm uma informação importante e séria são tratados. Eles são tachados como doidos e histéricos por não ter a paciência necessária para aguentar esse tipo de jornal com esse tipo de jornalista. Esses profissionais não estão preocupados com a verdade dos fatos, eles apreciam apenas o “showzinho” que dão ao vivo, querendo deixar tudo mais divertido. Nota-se que a expressão e o tom de voz deles muda, ou seja, é tudo uma piada.

5.7 The Post - A Guerra Secreta

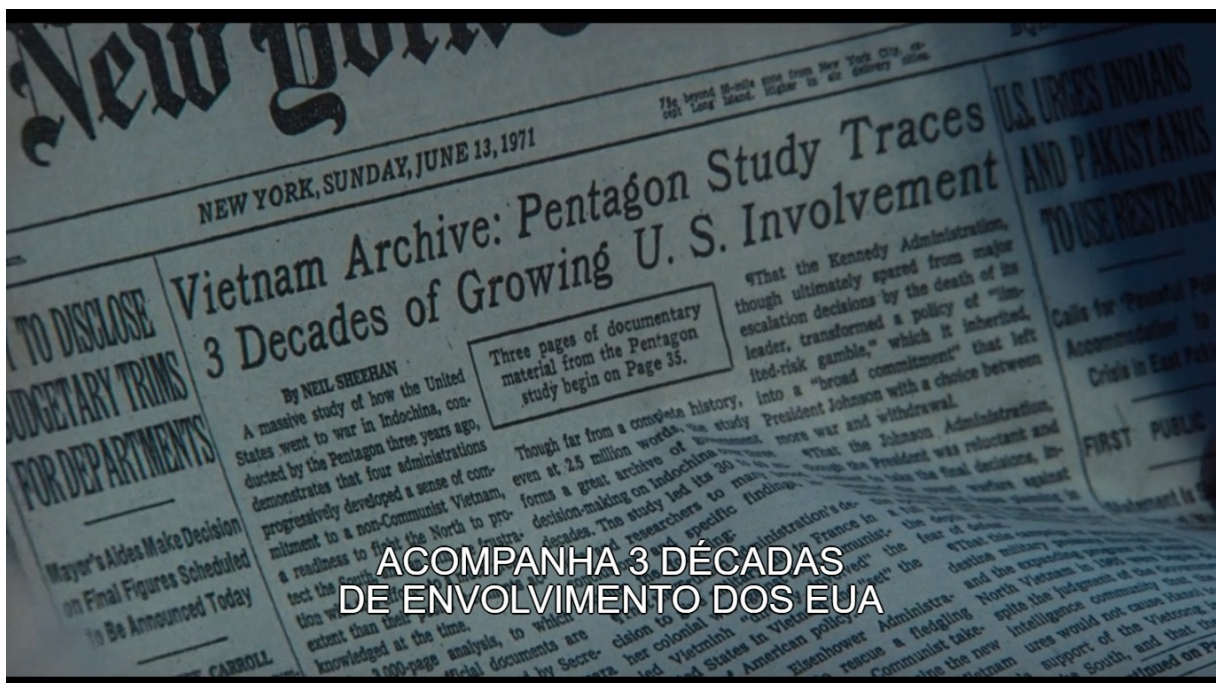
The Post ou The Post - A Guerra Secreta é um filme lançado em 2017, e conta com as estrelas Meryl Streep, Tom Hanks e dirigido pelo grande Steven Spielberg.

O filme se passa nos anos de 1971 e segue Kay Graham interpretada pela excelentíssima Meryl Streep e Ben Bradlee interpretado por Tom Hanks. A personagem de Streep é proprietária de um jornal em Washington e é sempre

desacreditada por seus executivos por não confiarem em sua capacidade de administrar o empreendimento. A história se passa nos anos 70, então ela não estaria “capacitada” a dirigir o jornal por ser mulher. Nesse tempo o New York Times publica segredos sobre o governo americano que os líderes do país prefeririam que se mantivessem enterrados. Esse é o momento que o editor Ben Bradlee, personagem de Tom Hanks, tem a ideia de investigar e buscar fontes que passem mais informações sobre esses segredos para poder divulgar a verdade dos fatos e expor os erros cometidos pelo governo durante anos a fio.

Com essa pauta em mãos, Ben e Kay vão contra todos, inclusive contra o governo americano, que havia pedido uma liminar que proibia que essas informações sigilosas fossem publicadas. Com isso, ambos estão arriscando perder suas carreiras e sua liberdade para divulgar esses segredos governamentais que englobam não um, mas quatro presidentes dos Estados Unidos em 30 anos.

Figura 26 - A pauta que mudaria suas vidas



Fonte: The Post – A Guerra Secreta

Depois de descobrir graças a um colega qual notícia o The New York Times iria abordar, Bradlee busca um impresso para saber realmente qual seria a

manchete que foi publicada e se depara com uma notícia que poderia abalar as extremidades do governo americano. Se tratando de uma notícia delicada, ele decide embarcar na mesma onda e buscar suas fontes para montar sua própria matéria focada no mesmo assunto.

Figura 27 – Reunião de pauta



Em uma reunião de pauta, eles discutem que existem muito mais informações que sigilosas podem ser exploradas para se construir uma matéria rica em informações noticiosas. Característica muito presente nos jornalistas e no jornalismo presentes nos filmes, quando a história quer fazer com que eles sejam os heróis, mais eficientes que a polícia: eles conseguem descobrir muita coisa em pouquíssimo tempo. Essas são informações que podem ter um grande impacto nos Estados Unidos, pois expõe diversos atos obscuros que o governo já vinha fazendo durante anos. Se levamos em consideração que existem 7 mil páginas de documentos para explorar, então, existe muito conteúdo secreto que o governo não gostaria que caísse em mãos erradas.

Figura 28 – Uma indagação importante



Fonte: The Post – A Guerra Secreta

Seguindo adiante, por conta da pauta e das pessoas que estão envolvidas nela, acontece um pequeno desentendimento entre Kay e Ben em relação a publicar a notícia. Mas Ben, como um jornalista ético, comprometido com seu trabalho e com o público, insiste em escrever e publicar a matéria. Ele consegue convencer Kay a mudar de ideia e ela autoriza a começar o trabalho sobre essa pauta. Uma coisa

interessante de se perceber é a ausência de trilha sonora em geral. Ouvimos apenas o som ambiente, isso traz mais veracidade à cena.

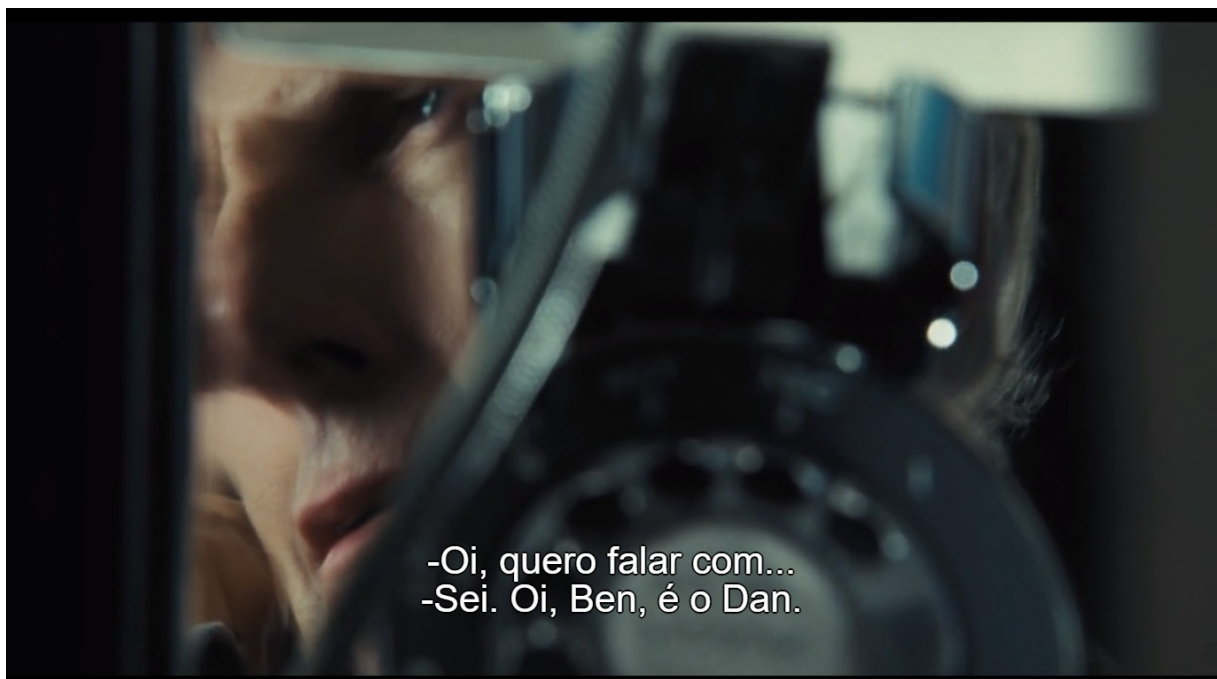
5.5 A investigação começa

Depois de autorizado a começar o trabalho sobre a pauta escolhida, começaram as investigações e busca por fontes que estão demasiadamente escondidas, tratando-se de um tema muito polêmico e perigoso para a segurança do país e das próprias fontes, que podem ser apagadas a qualquer momento.

Ben, com auxílio de outros jornalistas, vai fazer as ligações para obter as informações necessárias para tudo fluir. Nesse tempo, Ben Bagdikian, interpretado por Bob Odenkirk, consegue o contato de uma fonte muito importante. É com ela que estão diversos documentos que falam de erros que o governo tem cometido para benefícios próprios.

Observamos a dedicação do profissional sobre seu trabalho. Está disposto a ir a qualquer lugar em busca da verdade. A apuração das informações é eficiente e de respostas rápidas. Ele realiza o trabalho de jornalista investigativo, mais do que os outros, remetendo a ter mais destaque que eles.

Figura 29 – Ligando para a fonte



Fonte: The Post – A Guerra Secreta

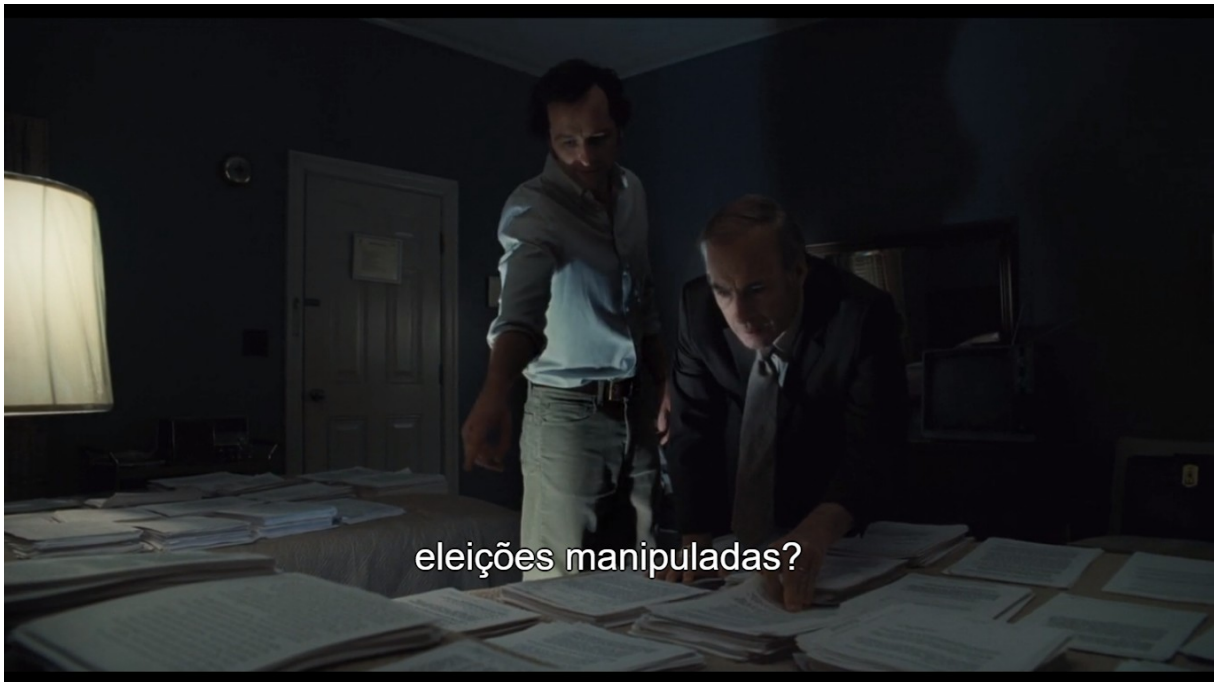
Mesmo correndo o risco de ser uma cilada, Bagdikian vai ao encontro da fonte principal da matéria dele em um hotel de “beira” de estrada. Lá, ele realmente encontra Daniel Ellsberg, interpretado por Matthew Rhys, que tem consigo mais de 4 mil páginas contendo diversos delitos cometidos pelo governo americano, sugerindo que se o povo americano tivesse acesso às informações, seriam contra a guerra. Esses documentos apresentam muitas informações, desde operações clandestinas até manipulação de eleições.

Tabela 7- Buscando as pistas secretas

DIMENSÃO VISUAL	DIMENSÃO VERBAL/SONORA
<p>Bagdikian (Bob Odenkirk) chega no hotel, está escuro, a câmera o segue por trás. Chegando no quarto de Daniel (Matthew Rhys), ele bate na porta, ainda o observamos pelas costas em um plano americano. Daniel abre a porta e dá uma pequena olhada em volta, antes de sair completamente e deixar Bagdikian entrar no quarto, a porta é trancada. No corte da cena vemos em primeiro plano Ben com Daniel logo atrás desfocado. O ângulo muda e vemos um plano mais geral do quarto, mostrando pilhas de documentação secreta do governo na cama.</p>	<p>No início da cena só ouvimos sons ambiente e dos passos de Bagdikian.</p> <p>Bagdikian bate na porta.</p> <p>Daniel: “Quem é?”</p> <p>Bagdikian: “É o Ben.”</p> <p>Ouve-se o ranger da porta.</p> <p>Daniel: “Ben.”</p> <p>Bagdikian: “Den.”</p> <p>Som da porta fechando e trancando.</p> <p>Daniel: “O estudo tinha 47 volumes, eu fui copiando aos poucos, levei meses para copiar tudo.”</p> <p>Bagdikian: “Que trabalho.”</p> <p>Daniel: “Somos todos ex funcionários públicos, com acesso irrestrito.”</p>

Fonte: The Post – A Guerra Secreta

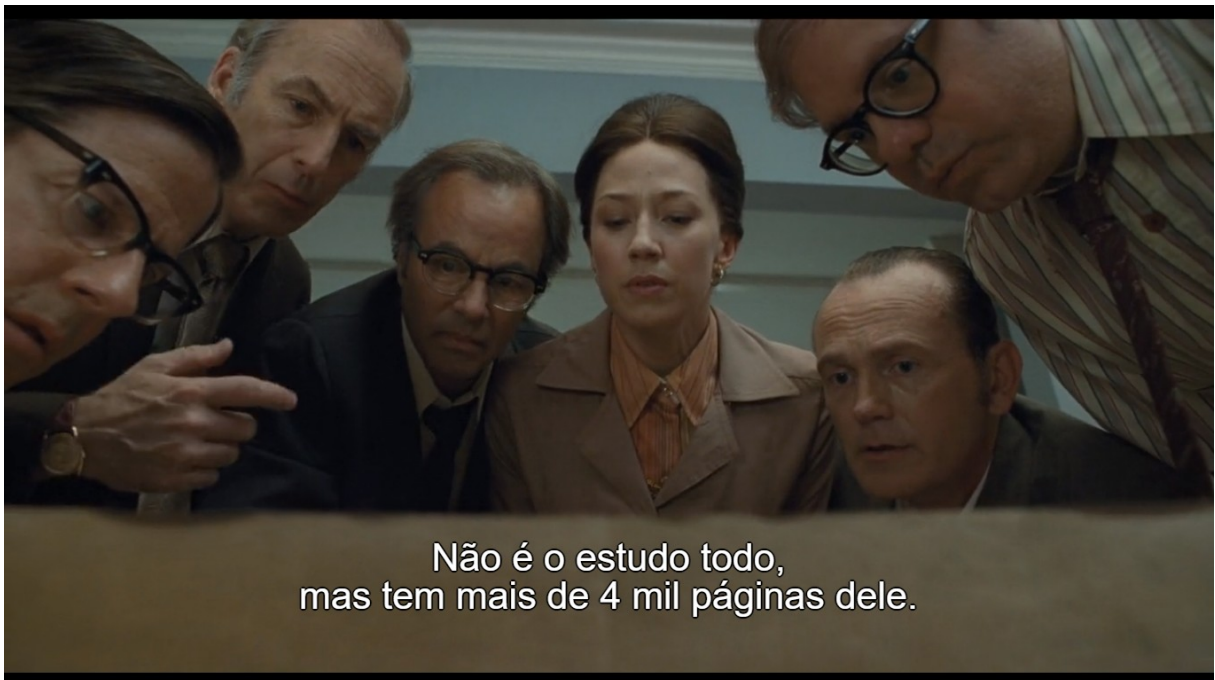
Figura 30 – Encontrando a pilha de documentos secretos



Fonte: The Post – A Guerra Secreta

Conseguindo os documentos, Bagdikian leva tudo para a casa de Ben para poderem averiguar as informações mais relevantes para poder começar a escrever a matéria que será publicada logo, logo. No momento que chega e abre a caixa, aquilo remete a abrir um baú de tesouro. Para um jornalista, informação é ouro, ainda mais informações dessa magnitude, que podem acabar com tudo em questão de momentos.

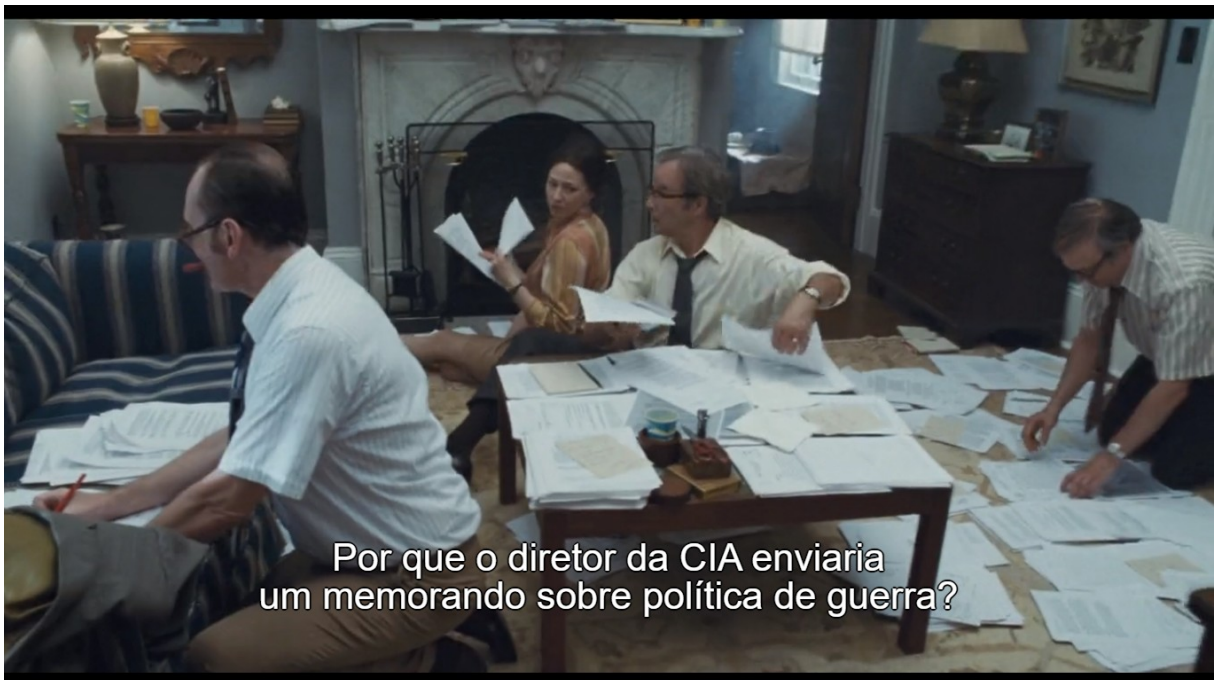
Figura 31 – Abrindo a caixa com o tesouro jornalístico dentro



Fonte: The Post – A Guerra Secreta

Ao começar as buscas, podemos notar o quanto todos esses jornalistas têm amor à profissão, por se proporem a ficar horas e mais horas investigando página por página, tentando encontrar ligações, dado que toda essa papelada não estava numerada, então o trabalho de busca foi grande, e em compromisso de deixar tudo pronto para a publicação os jornalistas trabalham sem parar. Pensando nisso, o filme não deixa claro, mas todos esses jornalistas não parecem ter muita vida social, que estão 24 horas disponíveis para o der e vier.

Figura 32 – Catando as informações escondidas



Fonte: The Post – A Guerra Secreta

Essa é uma característica usada para caracterizar o jornalista e o jornalismo no cinema, e diferente do que vimos antes, aqui o profissional é mostrado do jeito mais fidedigno possível a realidade. Se pensarmos bem, é possível pensar no jornalista como agente do “caos”, não que isso seja necessariamente ruim, nesse caso. O trabalho de um jornalista nunca é fácil, vemos isso pela imagem anterior que basicamente eles estão montando um “Frankenstein” para ter algo minimamente coeso para montar a reportagem. Existe um trabalho muito árduo e de grande valor.

Depois de conseguirem pôr tudo em ordem, a reportagem foi escrita. Porém, antes da publicação acontecer, ocorre um imprevisto quando os advogados contratados questionam quem é a fonte, e se essa fonte poderia ser a mesma que passou as informações para o The New York Times, e se fosse a mesma o próprio Washington Globe também estaria proibido de publicar por conta da ação jurídica imposta.

Figura 32 – Questionamentos da profissão



Fonte: The Post – A Guerra Secreta

5.6 Os questionamentos e, enfim, a publicação

Depois da reportagem pronta, começaram a aparecer certos questionamentos sobre a publicação ou não publicação da matéria. O anseio da maioria é que com a publicação poderiam ser presos por violar a ordem decretada pelo juiz, e outros pensam da reputação do jornal perante o grande público. Enquanto Kay ouve as opiniões, visto que é preciso da autorização dele para a publicação, o ângulo de câmera em Plongée, demonstrando que Kay está acima deles e passando a sensação de poder que ela tem sobre o jornal e que se ela não autorizar nada pode ser feito, a questão de tudo ser reportado a ela também traz esse elemento de soberania.

Nos olhos dela é possível notarmos que está com medo, vemos que mesmo ela tendo todo o poder dentro da empresa, ainda dispõe de uma fragilidade, de confusão, vemos que provavelmente está em uma batalha interna sobre de publicar ou não uma matéria com tamanha periculosidade.

Tabela 8 - Questionamentos de publicação

DIMENSÃO VISUAL	DIMENSÃO VERBAL/ SONORA
<p>Vemos Kay (Meryl Streep) em um plano médio e podemos visualizar todo o luxo que a personagem usufrui. Logo corta e vemos Fritz (Tracy Letts) e um movimento de câmera que está dando um close up e logo se afasta rapidamente mostrando-o em um plano americano. Logo corta novamente e vemos Ben Bradlee (Tom Hanks) com um close up rápido de câmera.</p> <p>Voltando para Kay, vemos ela em um ângulo plongée. Cortando a cena nos é mostrado Ben em um primeiro plano.</p> <p>Cortando a cena vemos Paul Ignatius (Brent Langdon) ao telefone enquadrado em meio primeiro plano.</p> <p>Cortando novamente para Kay, vemos ela em um ângulo plongée que gira em torno dela começando da direita para a esquerda.</p> <p>Corta a cena e vemos Arthur Parsons (Bradley Whitford) em um breve close up e já corta para Kay novamente em primeiríssimo plano do rosto dela. Cortando vemos Parsons em um contra plongée. e vemos Ben Bradlee em um plano americano. Logo Kay surge em um plano médio.</p> <p>Arthur surge novamente em contra plongée. Cortando temos Ben Bradlee em primeiro plano. Kay aparece em primeiro plano e pede orientação a Fritz. A câmera dá um big close up no rosto de Kay.</p>	<p>Kay: "Alô, Fritz?"</p> <p>Fritz: "Alô, Kay. Posso atualizá-la sobre a situação?"</p> <p>Ben Bradlee: "Eu digo sim, ele diz não. Está atualizada."</p> <p>Arthur Parsons: "Ben... Alô, é o Art. Ben, há questões em jogo aqui que estão bem acima de sua alçada.</p> <p>Ben Bradlee: "Há outras acima da sua também como a liberdade de imprensa."</p> <p>Kay: "Vamos tentar ser civilizados."</p> <p>Ben Bradlee: "Acha que o Nixon vai ser civilizado? Ele quer censurar o New York Times.</p> <p>Paul Ignatius: "É, o Times, não o Post."</p> <p>Ben Bradlee: "É a mesma coisa. É uma luta histórica. Se eles perderem, nós perdemos."</p> <p>Phil: "Alô, tem alguém na linha? Aqui é o Phil"</p> <p>Kay: "É o Phil Geyelin?"</p> <p>Phil: "Sim, Sra. Graham."</p> <p>Kay: "Bom. Quero ouvir sua opinião, se possível... Porque quero saber o que a equipe pensa sobre isso."</p> <p>Phil: "Sinceramente, Sra. Graham... Ben Bagdikian e Chal Roberts ameaçaram se demitir... se não publicarmos."</p> <p>Arthur Parsons: "Kay, o que esperava? Eles não têm nada a perder."</p> <p>Ben Bradlee: "Com todo respeito, todos nós perdemos se não publicarmos. O que será da reputação do jornal? Todos saberão que tínhamos o estudo. Aposto que meia cidade</p>

	<p>já sabe. O que vai parecer se ignorarmos?”</p> <p>Arthur Parsons: “Que fomos prudentes.</p> <p>Ben Bradlee: “Que tivemos medo! Nós perderemos! O país perderá! O Nixon vence! Ele vence essa e a próxima ... e todas que vierem, porque tivemos medo. Porque o único jeito de garantir o direito de publicar é publicando.</p> <p>Kay: “ Fritz. O Fritz está ouvindo?”[Enquanto Kay pergunta por Fritz, uma um instrumental começa a subir deixando tudo mais tenso]</p> <p>Fritz: “Estou aqui, Kay.”</p> <p>Kay: “O que você acha? O que acha que devo fazer?”</p> <p>Fritz: “ Eu acho... que há argumentos de ambos os lados. Mas acho que eu não publicaria.”</p> <p>Kay: [Sobe o som instrumental] “Vamos lá. Vamos em frente. Vamos lá. Vamos publicar.”</p>
--	--

Fonte: The Post – A Guerra Secreta

Figura 32 – As dúvidas e o medo se instauram



Fonte: The Post – A Guerra Secreta

Kay, como uma profissional com valores éticos, depois de ouvir a opinião de vários de seus executivos que não eram a favor de expor o governo, ela prefere ficar do lado de Ben e autoriza a publicação mesmo que isso possa custar seu jornal, sua carreira e sua liberdade, pois, ela corre o risco de ser presa por infringir a lei.

Figura 33 – A decisão continua...



Fonte: The Post – A Guerra Secreta

Seguindo suas convicções, Kay não muda de ideia em relação a sua decisão e toma as rédeas de sua empresa e manda fazer a publicação da matéria. Logo após vai dormir, sabendo que fez a escolha certa, e que essa escolha foi a melhor decisão que tomou. Nesse trecho do filme, já podemos notar uma grande mudança na personagem de Streep: de uma mulher frágil e “submissa” a seus sócios, tornou-se uma mulher forte e com convicções inabaláveis. Apenas com seu olhar podemos perceber que o medo e a confusão não existem mais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta pesquisa foi possível observar que Hollywood é fascinado em mostrar o jornalista e o jornalismo em seus filmes. Todavia, a profissão e o profissional muitas vezes são representados de maneiras deturpadas pelo olhar dos cineastas, que podem passar uma ideia equivocada sobre os profissionais.

A partir das contribuições de Senra e da análise realizada, entendemos que as características estereotipadas que o cinema aborda sobre o jornalista e o jornalismo destacam certas particularidades que a profissão carrega consigo. Percebemos, ainda, que essa ênfase dada a alguns traços da profissão e do profissional é o que vai ditar qual será o impacto que essa representação terá, se positiva ou negativa, conforme destaca a autora.

Christa Berger (2002) afirma que as representações de jornalistas produzidas pelos filmes contribuem para a formação de um tipo ideal de jornalista. Assim, criando uma espécie de padrão de comportamento o qual a sociedade associa a todos os jornalistas com que se relaciona. (BERGER, 2002 apud AMBRÓSIO; GAVIRATI; SIQUEIRA, 2014, p. 02)

Todos os filmes aqui analisados destacam aspectos do jornalismo e do jornalista no cinema, cada um deles tem certas características mais fortes que outros. No filme *Intrigas de Estado* podemos notar muito a essência do jornalismo e do jornalista investigativo, que é aquele que põe a vida em risco, literalmente, pela matéria. Esse é o principal foco da narrativa desse filme.

Já no filme *Não Olhe para Cima*, a representação do jornalismo evoca a piada. Aborda-se um tipo de jornalismo extremamente sensacionalista e caricato, que beira o ridículo, quando não o evidencia. Mas, como observamos, o filme traz a proposta do jornalismo sendo usado como alívio cômico da situação. Nesse filme, podemos notar como um programa sensacionalista chama mais a atenção do público do que um programa jornalístico mais “padrão”, de acordo com as convenções do jornalismo sério e ético.

No filme *The Post - A Guerra Secreta*, observamos a característica de um jornalismo de coleta de informações através de fontes não humanas, todas as

apurações foram feitas em documentos governamentais. Seria um jornal mais condescendente com a vida real.

Observamos que nos três filmes as representações dos jornalistas foram fidedignas à proposta que a produção queria passar ao público. Os principais elementos que representam o jornalista e o jornalismo estão presentes nos três, uns com características com mais ênfase que outros sobre o estereótipo do jornalista e do jornalismo no cinema. No entanto, o filme *The Post - A Guerra Secreta* possui elementos jornalísticos que se assemelham mais à vida real. Os realizadores desejam construir um filme mais pé no chão, que não extrapolasse a verossimilhança com a vida do jornalista, ao contrário do que apresenta *Não Olhe para Cima e Intrigas de Estado*.

Muitos aspectos do jornalismo no cinema estão presentes nesses filmes, mas alguns que foram citados no presente trabalho não foram explorados. Futuramente, outras pesquisas poderão trabalhar melhor esses elementos e com mais ênfase, como a questão do jornalista e seu relacionamento com cigarros e bebidas alcoólicas que ajudam a minimizar os efeitos do trabalho extenso.

Tendo em vista os estereótipos dos jornalistas que o cinema apresenta, na maioria das vezes, é de se esperar que as pessoas absorvam como verdade o que os filmes abordam, formando-se, assim, representações sociais. Assim, a reprodução das representações acaba influenciando na construção da imagem do profissional. (AMBRÓSIO *et al.*, 2014, p. 09)

Com isso, podemos dizer que a representação e estereótipos do jornalista e do jornalismo mostrada no cinema Hollywoodiano no século XXI podem continuar a ser uma fonte de inspiração para outros materiais de estudos e pesquisa, podendo ser mais explorados em trabalhos subsequentes.

A pesquisa também auxilia a compreender melhor como o sensacionalismo e a espetacularização podem impactar a imagem de um jornalista e do jornalismo como um todo, levantando aspectos que podem ser prejudiciais à reputação dos profissionais de imprensa, pois o público pode não estabelecer a justa avaliação sobre o tipo de jornalismo e jornalista apresentados.

Enfim, entendemos que a pesquisa alcançou seu propósito de avaliar e provocar reflexões sobre os temas propostos, colaborando com a produção científica

para o campo do jornalismo no que diz respeito à avaliação de produções cinematográficas mais recentes, que questionam ou sugerem a relevância de se pensar sobre a construção da imagem dos jornalistas e do jornalismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2020.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 10520: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 14724: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2011.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. A Análise do Filme. Lisboa: Texto e Gráfia, 2004.

AMBRÓSIO, Milanna Carvalho *et al.* **Cinema e Jornalismo: Uma Análise da Representação da Prática Jornalística em Filmes.** 2014. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/norte2014/resumos/R39-0221-1.pdf>. Acesso em: 07 março.2022.

ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. *Espreme que sai sangue um estudo do sensacionalismo na imprensa.* São Paulo : Summus, 1995.

ALSINA, Miquel Rodrigo; SILVA, Laerte José Cerqueira. **ÉTICA E JORNALISMO: na era da Pós-verdade.**
<https://betas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/5246>. Acesso em: 07 março. 2022.

ANDRADE, Marina; RIOS, Riverson. **Herói, vilão ou anti-herói: análise das representações do jornalista na ficção.** 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1313-1.pdf>. Acesso em: 07 março. 2022.

BARROS, Leonardo Bertó de *et al.* **Jornalismo Televisivo e a Ética Jornalística: Uma análise dos filmes Faces da Verdade e O Abutre.** 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sul2019/resumos/R65-0810-1.pdf>. Acesso em: 07 março. 2022.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo.** EbookLibris. 2003.

FERREIRA, Cecília. PEREIRA, Cristiane. **A Apresentação Pessoal e Ética do Jornalista no Cinema: Análise do Profissional no Filme “A Montanha dos Sete Abutres”.** 2017. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sul2017/resumos/R55-0437-1.pdf>. Acesso em: 07 março. 2022.

GOMES, Vitor Luiz Menezes. **O jornalista enquanto herói: uma proposta para análise das representações do jornalismo no cinema.** 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2013v10n1p85>. Acesso em: 07 março. 2022.

LONGHI, Naiara. **Sensacionalismo e Jornalismo Popular: um estudo de caso.** 2005. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/51188428097278301015316341937608132453.pdf>. Acesso em: 07 março. 2022.

LOPES, Fernanda Lima. **Construção da identidade jornalística pelo cinema: uma análise das representações do jornalista investigativo nos filmes Todos os Homens do Presidente (1976) e Spotlight (2015).** 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/26904>.

Acesso em: 07 março. 2022.

ROSE, D. Análise de imagens em movimento. In: BAUER, MW.; GASKELL, D. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes , 2002.

ROCKENBACH, Fábio Luis. O jornalista investigador *In: As representações do jornalista no cinema norte-americano do século XX.* 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS, 2009. Disponível em: <http://repositorio.upf.br/handle/riupf/287>.

Acesso em: 07 março. 2022.

SPANNENBERG, Ana Cristina Menegotto. BUFELLI, Caroline de Camargo. **O filme O Abutre e sua relação com o jornalismo.** 2016. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Urutagua/article/view/32803>. Acesso em: 07

março.2022.

SINGER, Jane B. **Sem medo do futuro: ética do jornalismo, inovação e um apelo à flexibilidade.** 2014. Disponível em: <https://revistacomsoc.pt/article/view/869>. Acesso em: 07 março.2022.

TRAVANCAS, Isabel. **Jornalista como personagem de cinema.** 2001. Disponível em:

<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/126095204111040878962932586357600200383.pdf>. Acesso em: 07 março. 2022.

VANOYE, F. GOLLOT-LÉTÉ, **A. Ensaio sobre análise fílmica**. Campinas: Papirus, 1994.

Filmografia

INTRIGAS de Estado. Kevin Macdonald. EUA, Reino Unido e França. 2009. 127min.

NÃO OLHE para Cima. Direção. Adam McKay. EUA. Netflix. 2021. 138min.

THE POST – A Guerra Secreta. Direção. Steven Spielberg. EUA, Reino Unido.
116min.